

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

A REVOLUÇÃO DE 1930 NA PERSPECTIVA DO JORNAL
“O DIÁRIO DA REVOLUÇÃO”

KARYNA BARBOSA NOVAIS

KARYNA BARBOSA NOVAIS

A REVOLUÇÃO DE 1930 NA PERSPECTIVA DO JORNAL
“O DIÁRIO DA REVOLUÇÃO”

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Leandro José Nunes.

Uberlândia, agosto de 2003.

Novais, Karyna Barbosa, 1975

A revolução de 1930 na perspectiva do jornal “O Diário da Revolução”

Karyna Barbosa Novais – Uberlândia, 2003

75fl

Orientador: Leandro José Nunes

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras chaves: Revolução de 1930, imprensa, Uberlândia.

KARYNA BARBOSA NOVAIS

A REVOLUÇÃO DE 1930 NA PERSPECTIVA DO JORNAL
“O DIÁRIO DA REVOLUÇÃO”

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Leandro José Nunes – Orientador

Profª. Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso

Prof. Ms. Sérgio Paulo Morais

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História, pela oportunidade de realizar este curso, em particular, ao orientador Leandro José Nunes pela compressão, estímulo e cooperação.

“Em nossas páginas o público encontra o estímulo do ideal revolucionário e as informações mais palpitantes dos sucessos principais ocorridos no território nacional”.

“O Diário da Revolução”. Uberlândia, 16 de outubro de 1930, nº8, p.2.

Sumário

Introdução.....	09
A construção do ideal revolucionário.....	15
As atividades revolucionárias no Triângulo Mineiro.....	40
As projeções da Revolução.....	53
Considerações finais.....	68
Fontes consultadas.....	72
Referências bibliográficas.....	73

Resumo

Esta pesquisa, desenvolvida para a elaboração da monografia de conclusão do Curso de Graduação em História, tomou como fonte principal todas as 43 edições do jornal “O Diário da Revolução”, publicadas entre os dias 09 de outubro e 25 de novembro de 1930, em Uberlândia. Esta publicação, criada exclusivamente para noticiar o desenrolar das ações do movimento revolucionário, foi o porta-voz do Comando Revolucionário na cidade e procurou criar um ambiente favorável à causa revolucionária, tentando atingir os corações e mentes da população com notícias e artigos de opinião que criavam a imagem de uma revolução salvadora e purificadora, garantia da liberdade para o povo.

Na análise desse jornal, procuramos relacionar as justificativas que levaram à sua criação aos interesses políticos que estavam sendo defendidos. Interessou-nos também compreender como seus redatores fundamentaram e justificaram o movimento revolucionário, bem como o modo como foi construída a idéia da revolução no Triângulo Mineiro.

Procuramos detectar e comentar as atividades que envolveram a ação revolucionária em 1930, na região que estava sob o controle do Comando Geral Revolucionário do Triângulo Mineiro, chefiado pelo Senador Camilo Chaves. O Comando Revolucionário teve suas ações sediadas pela cidade de Uberlândia e seu domínio se estendia às cidades vizinhas, a fim de que o movimento alcançasse êxito na luta armada travada na ponte Affonso Penna, na divisa de Minas Gerais com Goiás.

Com a vitória do movimento armado e a deposição de Washington Luiz, o jornal continua sendo publicado por mais um mês, quando inicia a fase de uma verdadeira pregação em favor da ordem pública e controle das manifestações populares, projetando o que seriam propostas da revolução para o futuro do país.

Na construção da memória dos vencedores, este tipo de publicação exerceu, sem dúvida, um papel relevante. Constitui, dessa forma, um valioso documento para a análise histórica de um período especial da história brasileira. Em Uberlândia, esta é uma fonte única de como se processou e o que significou a revolução de 1930 na cidade e no Triângulo Mineiro.

Introdução

Entre os temas clássicos da história brasileira, a Revolução de 1930 destaca-se como aquele que foi objeto de uma vasta produção historiográfica, abordando-a sob diversas perspectivas teóricas e metodológicas. Durante a década de 1970 e início de 80, quando o país vivia sob o arbítrio de uma ditadura militar que também se autoprotomava “revolução”, foram publicados os trabalhos de Boris Fausto, Alcir Lenharo, Edgar S. de Decca, Maria Cecília Spina Forjaz, Carlos A. Vezentini, entre outros. Suas análises problematizaram questões como as relações políticas entre as elites regionais, as disputas de interesses econômicos envolvendo cafeicultores, a emergência do movimento tenentista, até a elaboração e manipulação de símbolos na construção e efetivação do poder político, ou a participação, manipulação e ou resistência do movimento operário. O conjunto destes trabalhos foi fruto de um esforço de investigação que, ao buscar novas fontes e novas perspectivas de análise, renovou a historiografia relativa ao tema, ultrapassando os marcos tradicionais que até então haviam orientado a pesquisa: a história política, que explicava o movimento de 1930 a partir das disputas de poder no âmbito das elites regionais, e a história econômica, com suas ênfases em aspectos como a crise mundial, os privilégios aos cafeicultores paulistas, a economia nacional orientada para a monocultura, excluindo a distribuição de recursos públicos para outros setores... Ao mudar o foco da pesquisa, a produção historiográfica desta época procedeu à crítica da construção da memória do vencedor, num processo de revalorização da “memória dos vencidos” – todos aqueles em nome dos quais se dizia que a “revolução” tinha sido feita, mas que, na verdade, tiveram suas vozes caladas enquanto se construía uma determinada história que não comportava mais que as vozes dos vencedores.

A construção dessa memória, tarefa que se iniciou concomitantemente ao desenrolar dos fatos, foi trabalho dos “revoltosos” e dos grupos que os apoiaram, como a imprensa do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e outros estados, quanto foi também construção historiográfica posterior, que tratou de organizar em

exposições lógicas o processo histórico vivido pelo país. Nestas memórias assim construídas, a “Revolução”, com maiúscula, deveria aparecer como o divisor de águas da história brasileira, o marco de um antes e um depois. Um antes, quando o poder concentrado nas mãos de uma aristocracia agrária excluía a imensa maioria do povo, quando a questão social era “caso de polícia”, quando a política nacional era tratada nos conchavos de gabinetes, entre coronéis que exerciam seu poder local como verdadeiros “senhores feudais”. E um depois, quando a revolução redentora veio coroar a luta política dos excluídos, assumindo um caráter incorporador das massas populares, garantindo direitos aos trabalhadores, reorientando a política econômica do país ao criar as bases iniciais para a industrialização.

A construção dessa memória da revolução não esteve circunscrita a documentos oficiais, aos discursos dos políticos ou ao partidarismo da imprensa das capitais dos estados. Dada a dimensão que o movimento assumiu, também em pequenas cidades do interior os grupos políticos locais se envolveram, ou foram envolvidos, respondendo às pressões e organizando o movimento revolucionário, ou resistindo ao seu avanço.

Em Uberlândia, pequena cidade do interior, mas importante por sua localização estratégica, situada a meio caminho entre São Paulo e Goiás, era necessário organizar o movimento revolucionário, tanto em seus aspectos materiais, recrutando tropas, armas e munições, providenciando a defesa da região contra possíveis invasões das tropas governamentais, quanto era necessário apresentar uma versão dos acontecimentos que fosse capaz de convencer a população da justiça e legitimidade do movimento. Neste sentido, o campo de batalha incluía tanto a movimentação de soldados quanto a divulgação de versões favoráveis ou contrárias à revolução. Combatia-se com fuzis ou com tinta, nas trincheiras da guerra militar e da guerra de informações. A criação do jornal “O Diário da Revolução” atendeu a esta última necessidade: proporcionar “informações” favoráveis, capazes de legitimar o movimento revolucionário na cidade.

Ao nos depararmos esta publicação, observamos a possibilidade de refletir sobre os “acontecimentos revolucionários” narrados por esse veículo de comunicação, que evidenciam a composição de uma visão local do movimento revolucionário de 1930.

“O Diário da Revolução” foi uma publicação diária que circulou em Uberlândia entre 09 de outubro e 25 de novembro de 1930, composto de 43 exemplares. Tinha sua comissão redatora formada por Nelson Cupertino, José Aparecido Teixeira, Eurico Silva e Nelson Porto, os quais construíram e registraram uma versão da memória histórica do movimento revolucionário que estava se processando naquele momento.

Nelson Cupertino foi um professor com ideais de esquerda e convicção marxista que pertenceu à Aliança Nacional Libertadora, mas nunca se filiou ao Partido Comunista. Nelson Magalhães Porto era bacharel em direito aos 20 anos, contrário à política dos coronéis e conhecido como agitador por colocar seus ideais em prática. Antes da revolução, já manifestava seu idealismo comunista em Uberlândia e, durante a revolução, serviu como voluntário na Ponte Afonso Pena. José Aparecido Teixeira e Eurico Silva atuaram como professores no Liceu de Uberlândia.

O jornal diário, cuja distribuição era noturna, estava sob as ordens diretas do Comando Revolucionário e era supervisionado pelo Comandante da Praça e Governador Militar da Cidade, Capitão José Persilva. Propunha-se propagar os ideais revolucionários na cidade de Uberlândia e região, noticiando os principais acontecimentos pertinentes à causa revolucionária. “O Diário da Revolução” se intitula “o porta-voz do movimento revolucionário em Uberlândia”, aquele que noticiará “todos os despachos radiotelegráficos e as ordens do governador militar da cidade”.

“O Diário da Revolução” foi utilizado como um instrumento de controle e propagação da causa revolucionária em Uberlândia e região, apresentando o movimento a partir da perspectiva de sua inexorável vitória, como se não houvesse nenhuma possibilidade de insucesso da revolução. Este veículo de comunicação, que pretendia fazer uma propaganda da revolução no Triângulo

Mineiro, teve curta duração, e sua principal função foi auxiliar os revoltosos na legitimação da causa revolucionária, na deposição do governo legal e na implantação de um novo período republicano.

Os redatores, militantes engajados no processo revolucionário, buscaram o material para publicação nas comunicações radiotelegráficas do comando rebelde, na propagação das mensagens favoráveis ao movimento armado ocorrido na Ponte Affonso Penna, na exaltação das qualidades do Estado de Minas Gerais e do povo mineiro, na positivação da imagem de Getúlio Vargas e depreciação da imagem de Washington Luiz, entre outras articulações.

O Diário mostra-se como uma publicação partidária do movimento revolucionário revelando, nas entrelinhas de seu discurso, as articulações promovidas pelos revolucionários a fim de depor Washington Luiz a qualquer custo e levar Getúlio Vargas ao poder.

Em suas páginas, o “povo” foi usado como um instrumento que autentica e dá legitimidade ao movimento, pois camufla os reais interesses da oligarquia. O jornal ainda constrói uma série de falsas imagens a fim de desconstruir o que entendemos por Primeira República, e legitimar os revolucionários como os grandes purificadores e saneadores da política. Com essa desconstrução, também é promovida a legitimação da revolução e a projeção de suas bases em uma democracia pensada para o futuro.

Ao pensar a revolução de 1930 sob o olhar do jornal “O Diário da Revolução”, tivemos a preocupação de fazer uma reflexão sobre a imprensa enquanto fonte documental. Para desenvolver a análise de “O Diário da Revolução”, foi necessário estabelecer uma postura crítica frente à documentação, resgatando a sua historicidade, estabelecendo uma relação entre os discursos veiculados no jornal e as idéias que circulavam na época, tendo em vista o ideário e a prática política da imprensa. Nesse sentido, observamos que o jornal imprime em suas páginas o posicionamento político e ideológico de seus redatores e de seus superiores diretos, ao privilegiar certos assuntos e omitir outros.¹

¹ LE GOFF, Jaques. “A História Nova: Prefácio a Nova Edição”. In: **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 28 - 29.

A tese de doutorado de Luise Bundy sobre o “Movimento Político de 1930 em Uberlândia” representou o ponto de partida para nossas reflexões sobre “O Diário da Revolução”, uma vez que sua tese analisa a região de Uberlândia e os acontecimentos do ano de 1930.²

Em sua tese, Bundy apresenta um capítulo sobre o jornal “O Diário da Revolução” que, segundo ela, é o maior acervo documental editado em Uberlândia durante a revolução de 30 e, ainda, o representante do registro das idéias dos intelectuais, políticos e/ou coronéis desta localidade que aderiram ao movimento revolucionário.

O jornal “O Diário da Revolução” foi utilizado na propagação dos ideais comuns da elite mineira, serviu como propaganda para mantê-la no poder e pode colaborar para a explicação dos acontecimentos desse período, trazendo à tona questões peculiares da postura mineira frente à política nacional.

No período de maior destaque, em 1930, no jornal “O Diário da Revolução” encontra-se a opinião de uma minoria intelectualizada e de alguns políticos, além de informações locais e nacionais sobre os acontecimentos revolucionários ocorridos em 1930. Entretanto, o ideal revolucionário não correspondia exatamente ao ideal dos coronéis que aderiram ao movimento. Estes não almejavam a revolução, ou uma ruptura; o que queriam era a modernização, uma reforma administrativa de acordo com o jogo político estadual. Já a atuação intelectual foi fraca e insuficiente em sua ideologia, acabou sendo recebida como um modismo sem planejamento pelos cidadãos.

Outros autores, como Boris Fausto, Edgar Salvadori De Decca e Carlos Alberto Vesentini, foram de grande importância para o desenvolvimento de nossas considerações sobre a revolução de 1930 sob o olhar de “O Diário da Revolução”.

“O Diário da Revolução” será o objeto de nossas reflexões sobre o acontecimento revolucionário ocorrido em 1930, para que possamos compreender como se processou a construção do registro dessa memória em Uberlândia. Com

² BUNDY, Luise. **O movimento político de 1930 em Uberlândia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1985. (Tese, Doutorado).

esse procedimento, buscamos compreender como o veículo de comunicação estudado construiu o ideal revolucionário no calor dos acontecimentos.

Para isso, dividimos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos as justificativas para a necessidade de promoção de uma revolução no Triângulo Mineiro, além das articulações utilizadas pelo jornal para a formulação da idéia de revolução. Interessa-nos observar como esse conceito, revolução, foi sendo construído e as definições que foi assumindo ao longo da publicação. Destacamos, ainda, a forma como foi descrita a participação popular, a imagem de Getúlio Vargas e Washington Luiz, bem como a desconstrução da República Velha.

No segundo capítulo, procuramos enfatizar a fase de desenvolvimento do processo revolucionário no Triângulo Mineiro, especialmente na cidade de Uberlândia, bem como o desfecho da luta armada na Ponte Affonso Penna e suas implicações no processo revolucionário.

No terceiro capítulo, destacamos alguns meios utilizados pelos revolucionários para alcançar a vitória da revolução, a própria vitória, e as implicações decorrentes desse acontecimento com as respectivas projeções do governo para um futuro próximo.

A Construção do ideal revolucionário

A fundação de “O Diário da Revolução” deveria preencher um espaço importante na movimentação revolucionária que ocorria em Uberlândia em 1930. Para agilizar a chegada de notícias do movimento revolucionário à cidade de Uberlândia e região, conseguir novos adeptos à causa e impedir o encontro das tropas goianas e paulistas, os redatores trabalharam para compor e distribuir as edições do jornal que se tornaria parte integrante do movimento ocorrido em outubro de 1930, no Triângulo Mineiro.

“O Diário da Revolução” surgiu como uma estratégia de alguns setores da elite mineira, ligados a Antônio Carlos Andrada e à Aliança Liberal, numa tentativa de promover a causa revolucionária no Triângulo Mineiro. “Em nossas páginas o público encontra o estímulo do ideal revolucionário e as informações mais palpitantes dos sucessos principais ocorridos no território nacional”.³ Ao se propor a divulgar os “sucessos” que estavam ocorrendo, utilizando a reprodução das comunicações radiotelegráficas, procurou criar, com as notícias publicadas, um clima doutrinário e propagandístico que favorecesse o movimento revolucionário. Apelando para um patriotismo de mão única, como se fosse traição à pátria não aderir ao movimento revolucionário, e apresentando a atuação dos revoltosos no Triângulo Mineiro com um caráter de apelo emocional, esta publicação assumiu a dimensão de uma arma nas mãos de seus redatores e do Comando Revolucionário na cidade, reivindicando para si o monopólio da verdade dos fatos.

Encontram-se, na criação desse jornal, de distribuição noturna e duração efêmera, os interesses do Comando Revolucionário e de seus quatro redatores,

³ “O rádio da revolução”. O serviço radiotelegráfico. 16 de outubro de 1930, nº 8, p.2.

.Todas as citações referentes à publicação de “O Diário da Revolução” encontram-se corrigidas ortograficamente em virtude da quantidade de erros tipográficos encontrados nas edições e devido às alterações ocorridas na ortografia da língua portuguesa nesse espaço de tempo.

.As referências não identificadas, estão relacionada com o jornal “O Diário da Revolução, trazendo a partir dessa nota, o título, a data, o número e a página de cada edição.

que se colocaram como representantes de setores das elites locais, que objetivavam trazer ao público local uma voz que narrasse os acontecimentos da Revolução de 1930 e mobilizasse as consciências em favor da causa, sendo um instrumento de divulgação dos conflitos revolucionários na região do Triângulo Mineiro e no país. As notícias das atividades armadas eram o foco da atenção desse jornal. É preciso, porém, ressaltar que as notícias dos acontecimentos revolucionários foram selecionadas, filtradas e publicadas apenas aquelas que, evidentemente, serviam para atender os objetivos propostos.

Nesse capítulo, procuramos destacar as justificativas para a necessidade de promoção da revolução no Triângulo Mineiro, a forma como foi construída a idéia de Revolução e o significado que este termo, revolução, foi assumindo para o jornal.

Dessa forma buscamos recompor a trajetória percorrida por esse Diário estudando seu conteúdo, comparando com alguns documentos escritos no período revolucionário e depois dele, utilizando uma bibliografia coerente.

Entre as justificativas para o surgimento do movimento revolucionário, encontra-se a composição da imagem de um povo sofredor, de uma república ultrajada por governantes despóticos que deveriam ser eliminados do contexto nacional. Assim, os redatores destacam que o povo brasileiro estava sendo ludibriado por um governo corrupto e uma república com raízes monárquicas:

*“Quando um povo sofre o jugo de maus governantes, quando vê que suas instituições são uma mentira e seus dirigentes sem dignidade e pudor; quando sente que a justiça é um mito (...) quando a liberdade é senão uma palavra inexpressiva e falsa na boca dos tiranos; quando todas as normas da moral humana foram invertidas (...) a esse povo só resta um caminho: o da violência. Ele se levanta contra os déspotas (...) Faz a revolução”.*⁴

⁴O Povo Levanta-se. 10 de outubro, nº2, p.4.

Para o jornal, o povo está incomodado com as atitudes do governo federal. O povo, descrito como “sofredor e digno”, como aquele que merece respeito, aquele que pretende reclamar o direito de não querer representantes ilegítimos, aquele que não deseja ver seu país sujeito à injustiça e falta de liberdade, clama por mudanças, se levanta e faz a revolução.

Nesse sentido, a revolução apresentada por “O Diário da Revolução” é promovida pelo povo. Porém, o jornal não especifica qual parcela da sociedade compõe esse povo, o modo como ele contesta as instituições e como é envolvido no desencadeamento do processo revolucionário. O Diário não distingue povo e elite claramente, não se preocupando em esclarecer quem é o povo real que aparece em sua redação. Portanto, povo é um termo genérico, apresentado como se fosse evidente por si mesmo, sem necessitar de nenhum tipo de precisão conceitual.

Nessa dimensão, a imagem do povo justifica e dá suporte ético, moral e ideológico à idéia de revolução. Antes de ser um conceito, é um vocábulo que tem a pretensão de legitimar um movimento de quebra, de ruptura, da ordem legal instituída.

No mesmo artigo, o trecho citado abaixo apresenta as atitudes do governante da nação que, segundo os redatores, usurpa a liberdade, os valores, os bens e a consciência moral do povo brasileiro. Alguns elementos como as denúncias de corrupção, de desobediência às leis nacionais e usurpação dos cofres públicos em políticas de conchavos que beneficiavam aos interesses do alto escalão do governo, são utilizados para justificar a necessidade de iniciar a revolução:

“Tudo na vida política do Brasil era mentira e corrupção. Mentirosa a República cujos representantes dizendo-se mandatários da vontade popular nasciam de arranjos domésticos; mentirosa a República cujos dirigentes desviavam os dinheiros da Nação para corromper consciências e rebaixar o nível moral dos homens; mentirosa a República cujo mandatário supremo, absorvendo todos os demais poderes constitucionais, arrogava-se a majestade de um monarca temporário porem absoluto. (...) Mentindo

sempre à consciência nacional; traíndo a confiança nacional ele desbastou a nossa economia, criminosamente lançou mão dos dinheiros públicos para servir aos interesses pessoais e partidário...⁵

As denúncias são feitas pelos redatores com o intuito de desmoralizar as ações do governo legalmente constituído, promovendo uma desconstrução da República. A finalidade é realizar a revolução, depondo o governo vigente e implantando um outro governo republicano, que deveria inaugurar um novo período na história brasileira. Nesse sentido, o jornal acaba construindo a idéia de revolução, na tentativa de legitimar a causa que interessava a classe dirigente ligada ao governo de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, e não ao povo.

Os redatores de “O Diário da Revolução” pressupõem que o povo tinha a necessidade de ter um governo autêntico, pois “a massa sentia que os supremos interesses sociais viviam ameaçados” por uma república que não mais atendia aos objetivos comuns. A república, instaurada no país quarenta anos antes do acontecimento revolucionário, fora institucionalizada sem episódios armados, pacificamente, por homens que “formaram seu espírito ainda no tempo do Império”. Esses velhos políticos já não eram capazes de apreender as mudanças ocorridas na nação, nem a transformação da vida interna do país, tão pouco os anseios nacionais. “A república tal como era praticada, e os homens que a orientavam não correspondiam aos desejos coletivos”.⁶

Com o objetivo de formar as bases de sua legitimidade, o jornal articula a idéia de uma república ultrajada por maus governantes que não respeitavam os valores instituídos na Proclamação da República, denegrindo e desequilibrando o governo. O Diário aborda os conflitos que levaram ao rompimento político entre Minas Gerais e São Paulo, a fim de apresentar o movimento de composição da revolução, que nasce dos interesses políticos localizados em alguns Estados.

⁵O povo levanta-se. Op.cit.

⁶A vitória do mar. 15 de outubro, nº7, p.1.

A versão da historiografia liderada por Boris Fausto, diria que a política nacional era comandada basicamente por dois Estados: São Paulo e Minas Gerais. Nesse sentido, a burguesia cafeeira, que detinha o poder através da articulação do eixo São Paulo-Minas Gerais, reunia as duas oligarquias mais poderosas do país. Ela promovia a modelagem das instituições do país em proveito próprio, favorecendo a manutenção da classe hegemônica, não permitindo que outros setores econômicos apresentassem um projeto de estruturação diverso desse núcleo cafeeiro. Quando ocorreu o rompimento da política Café-com-leite, os representantes do governo de Minas Gerais passaram a se opor à política paulista, uma vez que a hegemonia mineira foi ameaçada e São Paulo toma o café como única preocupação nacional.⁷

A partir do rompimento entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo, a idéia de centralidade do Brasil é colocada de lado em função dos interesses de São Paulo, fazendo com que a legitimidade do governo vigente começasse a ser questionada. Numa guerra de palavras, o Diário chega a promover a construção do conceito de bem e mal, onde Minas surgia como o grande Estado representante do bem, e São Paulo como aquele que se opunha à revolução e ,conseqüentemente, representava o mal.

Existiu em alguns períodos da história brasileira uma luta que apresentava duas tendências: uma para manter o Brasil unido e outra para fracioná-lo. Quase sempre a tendência centralizadora esteve representada pelo governo central, quer no Império ou na República. Segundo os redatores do jornal estudado, este papel se inverte quando os problemas ocorridos em vários Estados são postos de lado em favor de um só Estado.

“Um Estado como São Paulo, devido ao seu desenvolvimento econômico, tende a absorver a vida dos demais Estados. São Paulo, devido ao café, julga-se a coluna mestra da nacionalidade. Os homens públicos, talvez de boa fé,

⁷FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930. História e Historiografia.** 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1970.

*quando assumem a direção da nacionalidade procuram, por todos os meios solucionar os problemas exclusivamente paulistas”.*⁸

Assim, a política paulista elege o café como a única preocupação do país promovendo, segundo o jornal, uma desintegração da nacionalidade, através de uma representação regionalista que tem à sua frente Washington Luiz. No mesmo artigo, encontramos este comentário:

Quando na direção da Força Pública do grande Estado, o Sr. Washington armou excessivamente São Paulo. Ele mesmo externava idéias de tornar S. Paulo independente. (...) Na suprema magistratura da Nação, ele continua o seu trabalho separatista.

Compreende-se, então, que a revolução também seria um movimento que visava prevenir essa suposta desintegração nacional. As propostas apresentadas, diferentes das ações governamentais, incluíam “um Brasil mais justo e mais fraterno”⁹ que, para se tornar realidade precisava, neste momento, pegar em armas e desencadear a violência libertadora. A justiça e a fraternidade apareciam, então, como objetivos da revolução armada.

O presidente Washington Luiz pensava ter garantido a eleição de seu sucessor Júlio Prestes, uma vez que os resultados oficiais pareciam confirmar seus cálculos. Mas a oposição, representada pela Aliança Liberal, recusou violentamente os resultados oficiais que pretendiam instalar outro político paulista na presidência.

“A 30 de maio, Vargas lançou um manifesto, denunciando as “fraudes e compressões” praticadas pelas mesas eleitorais, “cujos truques e ardis a mesma legislação eleitoral estimula e propicia”. Mas o candidato derrotado temperou o seu ataque com a afirmação que ainda acreditava que as

⁸Brasil Unido, 16 de outubro, nº 8, p.1

⁹Idem.

*modificações necessárias nos “nossos hábitos e costumes políticos”,
poderiam ter lugar dentro da ordem e do regime”.¹⁰*

Os trechos abaixo selecionados, de artigos escritos pelos redatores de “O Diário da Revolução”, fazem um apanhado dos movimentos nacionais significativos ocorridos no Brasil, desde os tempos do império concluindo, que:

“Até aqui as revoluções eram feitas pela força armada; com o aplauso do povo sim, mas sem sua intervenção direta.

Agora é o povo, quem faz a revolução; é o povo quem deixando as comodidades, arriscando a vida, reivindica seus direitos”.¹¹

O jornal destaca que o povo deixou de lado sua passividade perante os acontecimentos nacionais, para se tornar parte atuante no processo revolucionário. No entanto, a participação popular presente em “O Diário da Revolução, se dá mais como uma imagem retórica que legitima o movimento, do que como uma participação autêntica e mobilizadora da causa revolucionária.

Efetivamente, a ação do povo só se fez necessária quando a revolução já estava em andamento. O povo é convocado a participar do movimento por meio de editais que recorrem ao entusiasmo, ao brio do povo mineiro e, ao mesmo tempo, ameaça em tom hostil aos que não atendessem às convocações. Ao povo, em nome do qual se faz a revolução, não é dada a opção de escolha, de participar ou não do movimento.

O Diário cria uma série de imagens na construção da idéia de revolução. Ao usar e expor o povo, o jornal formula falsas imagens sobre a participação popular no movimento, já que é em nome do povo que “O Diário da Revolução” apresenta a insatisfação dos donos do poder com a política econômica presidencial.

Em vários números os editores compõem a imagem do povo usando um forte apelo emocional, a fim de fazer parecer que ele é quem faz a revolução:

¹⁰ SKIDMORE, Tomas E. “Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)” Apresentação de Francisco de Assis Barbosa, 5ª edição, Paz e Terra, 1976.

¹¹ Mentalidade Nova. 18 de outubro, nº10, p.4.

*“A asfixia estava iminente quando a reação salutar, a tanto esperada, abala os nervos do grande povo”.*¹²

*“O povo brasileiro exulta de entusiasmo com a brilhante vitória do movimento revolucionário”.*¹³

É o povo quem aparece nos artigos reivindicando a deposição de um governo que “se nivelou aos criminosos comuns”. Segundo o jornal, o povo é quem demonstra que o “único remédio para salvar a Pátria é a revolução”.¹⁴

Ao mesmo tempo em que apresenta a idéia de revolução feita pelo povo, os redatores do Diário promovem campanhas que incitam o povo a participar do movimento, demonstrando a fragilidade do discurso de participação espontânea. Podemos vislumbrá-las na seguinte chamada: “Mineiros! É chegado o momento de comprovar sua bravura. A honra de Minas reclama vossos braços robustos e vossa vontade de aço para o desagravo de tantas injúrias assacadas contra vós. Erguei-vos todos para a defesa das tradições de vossas terras”!¹⁵

As freqüentes chamadas aos “moços mineiros” na convocação de reservistas, no incentivo ao patriotismo, nas ameaças aos desertores e nas freqüentes pressões para o alistamento na Companhia de Guerra de Uberlândia é um indicativo seguro do pouco apelo que a revolução encontrava na população.

De acordo com Luise Bundy,

“temos aí uma contradição flagrante, tendo em vista que “O Diário da Revolução”, ao mesmo tempo que incita o povo a participar da luta, utiliza a imagem desse povo como sendo a promotora da revolução. E essa contradição só pode ser resolvida se for aceito que a imagem do povo não corresponde ao povo em si. Ou seja, o povo que estava sendo chamado à

¹²Abençoada reação. 17 de outubro, nº9, p.4.

¹³O povo. 18 de outubro, nº10, p.2.

¹⁴Caminha para os dias de gloria. 18 de outubro, nº10, p.1.

¹⁵Mineiros. 12 de outubro, nº4, p.4.

revolução era o povo real e o povo que estava sendo usado como promotor do movimento era uma imagem utilizada no lugar do povo real".¹⁶

Por vezes, a participação do povo é representada por mulheres da mais fina sociedade mineira. Em uma manifestação de civismo, aparecem ofertando um pavilhão de guerra para a sede do Comando Geral, como um "gesto elegante e expressivo das senhoritas Blanda do Egípto e Ilka de Almeida", que termina em "uma bonita passeata entre delirantes ovações dos proceres da revolução".¹⁷

A imagem da mulher mineira faz parte do exagero promovido pelo Diário, em que tudo o que Minas faz é bom. "A mulher mineira, neste doloroso transe, não abandonará suas tradições, e apoiará, como manda o seu civismo, a santa causa da revolução".¹⁸ Frases assim, lançadas no cabeçalho do jornal pelos redatores, trazem a referência de que a mulher mineira compõe a massa, o povo, e sua participação é importante para o desenrolar da revolução. No entanto, essa consideração não nos parece coerente. O que se verifica é que as mulheres das classes populares não faziam parte das atividades revolucionárias, ficando o povo reprimido ou abafado nos cortejos por figuras da sociedade.

As manifestações populares em Uberlândia limitaram-se a passeatas cívicas e desfiles em que estiveram presentes alunos do curso normal e ginásios locais. "Em quase todas as manifestações revolucionárias que tem havido na cidade encontramos as normalistas empunhando a bandeira vermelha da Revolução, garridamente trajadas, realçando com sua presença o brilho dos cortejos".¹⁹ Se sabemos que os alunos de colégios não tinham a opção de escolha entre participar ou não dos desfiles, que eram obrigados e coagidos a demonstrarem seu "entusiasmo", então começa a desvanecer-se a participação efetiva do povo

¹⁶BUNDY, Luise. Op.cit., p.165.

¹⁷ Uberlândia. 10 de outubro, nº2, p.2.

¹⁸ Uberlândia. 10 de outubro, nº2, p.2.

¹⁹A Escola Normal na campanha. 11 de outubro, nº3, p.3.

real, mero espectador, para, no final, ficar apenas a imagem do povo ideal, promotor fantasmagórico da revolução. Segundo Luise Bundy, a participação

*“do proletariado, ou mesmo dos camponeses, foi negada em todas as entrevistas que se efetuaram em Uberlândia. O povo foi somente espectador. O espetáculo das “notícias da revolução” o atraía, pois na época eram poucas as novidades “in loco”; eram poucas as coisas a serem vistas e ouvidas”.*²⁰

Tito Teixeira fez a melhor análise que encontramos da verdadeira (não) participação popular no movimento revolucionário:

*“...a não participação popular foi atribuída à fadiga. Teoricamente não se permitiu ao povo a sua não participação; a ausência de manifestações precisou ser plenamente justificada. Não lhe foi permitida a apatia, fruto da exclusão de um processo ou da própria repressão. Ao povo (teoricamente), não foi permitido o silêncio, a sua não manifestação, pois somente a sua presença ativa poderia legitimar a Revolução como tal. Quando, por fim, se encontrou referências a uma manifestação da população de Uberlândia, se verificou que em nome desta (quando a Companhia de Guerra partiu para a Ponte Afonso Pena), falou a professora Lúcia Matos. O que o povo realmente pensava diluiu-se através do tempo, no que uma outra classe social disse em nome desse povo.”*²¹

Assim, Tito Teixeira desfaz a imagem da participação espontânea do povo, observando que os agentes e porta-vozes do movimento revolucionário não permitiram o silêncio popular e, no entanto, as vozes que se ouviram não foram aquelas do povo real, apresentando seus projetos e desejos, mas outras vozes que se encarregaram de falar em nome de quem se requeria participação física e muda, como soldados nas trincheiras ou como manifestantes “entusiastas” em

²⁰ BUNDY, Luise. Op.cit.

²¹ TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes do Brasil central, História da Criação do Município de Uberlândia.** Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970, vol. 1, p. 352.

desfiles arranjados. Enquanto sujeitos políticos que tinham o que dizer, reivindicações a fazer, projetos a apresentar, não lhes foi dada a palavra. Outros falaram em seu lugar. Outros se encarregaram de construir uma memória justificando a revolução em seu nome, mesmo que este “povo” fosse apenas a projeção de uma imagem, desprovida de conteúdo real.

“O Diário da Revolução”, assim como a imprensa partidária da causa revolucionária em todo o país, também utilizou o assassinato de João Pessoa, na Paraíba, para criar uma atmosfera de revolta, tentando aglutinar as forças políticas locais em torno do movimento revolucionário no Brasil. O assassinato de João Pessoa catalisou a oposição em rebelião armada, surtindo um efeito traumático no país, porque Washington Luiz apoiava o grupo político ao qual estava ligado o assassino. Os conspiradores indecisos são engolfados pela onda de indignação, criando uma atmosfera revolucionária.²² Assim, o acontecimento que catalisa a oposição em rebelião armada é noticiado em todo país, sendo registrado também pelos redatores de “O Diário da Revolução”.

*“E o sangue generoso e puro de João Pessoa, de todas as vítimas da tirania, a clamar vingança, a pedir justiça”.*²³

*“O presidente da Paraíba, era o símbolo de uma resistência: a resistência da alma nacional. A morte gloriosa de João Pessoa sacode a república. Seu cadáver galvaniza o Brasil”.*²⁴

Os redatores do Diário usam o assassinato de João Pessoa, apelando a um caráter emocional popular, vinculando a morte à figura de Washington Luiz e utilizando esse acontecimento como uma causa para honrar a nação, exaltar o brio do povo e os ideais de liberdade que estariam sendo negados pelo chefe supremo da nação.

²²SKIDMORE, Tomas. Op.cit. p.23.

²³A Onda Vermelha. 10 de outubro, nº2, p.1.

²⁴De Pé. 11 de outubro, nº9, p.3.

Outro acontecimento significativo para o jornal e para a propaganda da revolução na cidade de Uberlândia, foi a morte e o enterro de Tenente Vermondes.

*“Realizou-se hoje às 12 horas o enterro do 2º tenente Vermondes da Silva que ontem tombou no campo da luta, na fronteira goiana, defendendo contra as hostes do caiadismo, a integridade do território mineiro, honrando assim o nome do Brasil. (...) o sepultamento feito às expensas do Comando Geral das Forças Revolucionárias do Triângulo, saindo o caixão, coberto com a bandeira nacional, carregado a mão até a matriz (...) com enorme acompanhamento do povo, do Batalhão Patriótico “Coronel Marcos Freitas”, da Escola Normal incorporada, tendo comparecido pessoalmente o Senador Camilo Chaves, Comandante em Chefe e Major Persilva, Governador Militar.”*²⁵

A morte do Tenente Vermondes, na trincheira, causou grande comoção popular, tanto em Uberlândia como nas cidades da região, a ponto de ser lembrada por vários entrevistados na cidade de Tupaciguara. O senhor Adolfo José do Nascimento, advogado de renome em Tupaciguara, destaca: “Diziam que ele era muito entusiasmado na trincheira, ele saltava e aparecia, não tentava se esconder; levou um tiro no meio desse entusiasmo e morreu, né; mais tarde ganhou um nome de uma rua lá em Uberlândia”.

A foto do velório do Tenente Vermondes em Uberlândia, mostra a presença de uma multidão de pessoas aglomeradas em torno do caixão. O enterro, assim como sua morte, foi um momento lembrado por vários entrevistados, o que nos leva a inferir que este foi um acontecimento que marcou a memória local. Explorados pelo jornal, tanto o assassinato do político, como a morte em combate do tenente forneceram as vítimas que poderiam fortalecer o apelo à causa revolucionária em Uberlândia, justificando-a moralmente.

Fotografias, depoimentos e artigos do jornal possibilitaram uma visualização da imagem da revolução in loco. As imagens dos acontecimentos, assim como o Diário, tendem a apresentar uma mobilização da população em torno da causa

²⁵Tenente Vermondes Ribeiro Da Silva. 20 de outubro, nº12, p.2.

revolucionária em Uberlândia como se envolvesse toda a população. No entanto, percebemos essa mobilização mais como curiosidade dos populares do que como uma adesão voluntária ao movimento.

O interesse em integrar a população ao movimento faz com que o Diário assuma uma postura de construção ideológica, utilizando recursos como a demonização de Washington Luiz e de seu governo, a desvalorização da república instaurada, a positivação da imagem de Getúlio Vargas e a criação de falsas imagens que formariam a idéia de revolução proposta por seus redatores.

Com o intuito de desenvolver o ideal revolucionário, como se fosse a expressão de um legítimo movimento representante das aspirações populares, o jornal denigre Washington Luiz, numa intensa campanha contra a imagem do presidente do Brasil.

Com ofensas constantes a Washington Luiz, os redatores dão a ele os títulos de “déspota”, “verdadeira anta batizada”, “cínico”, “impatriota”, “força do mal”, “cacique truculento”, “mercador da pátria”, “torpe esbanjador”, “inimigo do povo brasileiro”, “perigoso delinqüente”, “facínora”, “pirata negro do Catete”, “pilhador dos cofres públicos”, “traidor”, “portador de mentalidade obtusa”, “covarde, ladrão e quadrilheiro”, “inquilino do Catete”, “Luizinho - o guri do Catete”, “gozador da pátria e chefe dos cangaceiros de Princesa”, entre outros.

A redação do Diário pretende ridicularizá-lo, desarticular seu poder e fazer-se impor enquanto movimento revolucionário, uma vez que se coloca como o representante da vontade popular.

A demonização do presidente, na maioria dos exemplares desse jornal, representou a tentativa de transformá-lo em um mostro. Essa atitude se efetiva para fortalecer a idéia de que a atitude de Washington Luiz, “não correspondia aos desejos coletivos”,²⁶ que ele era o grande perturbador da nação, numa inversão de

²⁶A vitória do mar. Op.cit.

papeis no qual os revolucionários se posicionam como representantes do povo e o governo como um usurpador do poder.

*“Para manter-se no posto o chefe de governo permite-se todas as baixezas. Foi isso o que vimos, no período do sr. Washington. Escândalos, sobre escândalos, se sucederam. Desde a questão dos saldos orçamentários até a tragédia da Confeitaria Gloria, em Recife, onde tombou João Pessoa, o governo federal mentiu sempre”.*²⁷

Nos artigos em que o jornal deprecia Washington Luiz, segue-se o chamado para a adesão ao movimento. Uma vez que as atitudes e o comportamento do presidente atingiam o brio e a altivez do povo mineiro, cabia a este aderir à luta para restaurar seus valores, a moralidade e honestidade no trato da coisa pública, refutando a república.

Em 11 de outubro de 1930, “O Diário da Revolução trazia na segunda página um “furo de reportagem” de um “astuto repórter” que teria conseguido penetrar no gabinete de Washington Luiz e se apoderado de um “documento” no qual o presidente denegria a própria imagem. O “documento” trazia denúncias da corrupção de Washington Luiz e retratava um estado de espírito do presidente, que interessava ao jornal apresentar ao público.

*(...)“eu desgovernei este país, durante quatro anos; anarquizei os serviços públicos, (...) asfixiei o comércio; arruinei a lavoura, reduzindo os fazendeiros à miséria; desviei o dinheiro do Banco do Brasil para sustentar a eleição Presidencial da República; (...) armei cicarios e cangaceiros contra um povo heróico que teve a ousadia de pretender ser livre; cooperei para o assassinato de João Pessoa; quintuplei as dívidas do Brasil com vultuosos e repetidos empréstimos; procurei, enfim, por todos os modos, atirar o Brasil a um abismo”.*²⁸

O “documento” é uma fraude grosseira, provavelmente inventado pela imaginação fértil de algum dos redatores. Ele é a expressão de que todos os

²⁷Caminha para dias de felicidade e gloria, 18 de outubro, nº10, p.1.

²⁸Um furo de reportagem. 19 de outubro, nº11, p.2.

meios foram usados para a demonização de Washington Luiz, a fim de reafirmar a legitimidade da revolução e formar um movimento que se apresenta como o grande salvador da pátria, como o único meio de libertar o país da tirania implantada.

Nesse sentido, o papel a ser cumprido pela revolução, sugerido em “O Diário da Revolução”, seria a libertação da nação daqueles que descumpriram a Constituição, pois é ao governo nacional e não aos revolucionários que os redatores atribuem a desordem do país.

*A bandeira da revolução é libertar o país dos tiranos, que saltaram as barreiras da Constituição, que pisaram suas leis mais fundamentais, como o direito da nação de escolher livremente seus representantes; é punir os “desordeiros” que por seu egoísmo, por suas violências, perturbam o ritmo da vida brasileira. A estes a nação agora pede contas.*²⁹

O Diário publica um boletim oficial de número 137, do serviço de informações, datado de 12 de outubro de 1930, onde Oswaldo Aranha se pronuncia:

*“O governo do Catete irradiou uma mensagem assoalhando entre outras mentiras que: o general Gil de Almeida foi assassinado nesta capital e seu cadáver arrastado pelas ruas; que a revolução está pedindo misericórdia; que o exército está coeso e o norte tomado, exceto Paraíba”.*³⁰

Segundo o Diário, as mensagens eram irradiadas em estações de rádio oficiais e traziam falsas verdades sobre a luta dos revolucionários contra o governo, numa campanha de mentiras e infâmias que teria como objetivo desqualificar e minar a revolução.

Através de boletins como o escrito por Oswaldo Aranha, o jornal apresenta ao público as intenções do governo contra os revolucionários, numa tentativa de conseguir novos adeptos à causa revolucionária, valendo-se do brio e da tradição

²⁹Nossa bandeira. 11 de outubro, nº3, p.1.

³⁰Oswaldo Aranha chama a brios o trapaceiro do Catete. 12 de outubro, nº4, p.2.

dos mineiros. No entanto, segundo Luise Bundy, esses ataques de Washington Luiz aos revolucionários poderiam corresponder a uma resposta aos insultos e ao ridículo a que ele vinha sendo lançado nas publicações e mensagens irradiadas pelos revolucionários. Nesse sentido, Washington Luiz, segundo a redação, teria se apropriado dos meios de comunicação, procurando denegrir o movimento político-militar, utilizando-se dos mesmos métodos da oposição, afirmando que a revolução era comunista, os revolucionários assassinos e “promotores da marzoca”. Para se defenderem, os revoltosos afirmavam que “não comungam com as idéias de Lenine, por impróprias ao nosso povo”³¹ e ainda acusavam Washington Luiz de estar de acordo com a causa comunista.

No mesmo boletim publicado pelo jornal, Aranha faz uma síntese do que representa a revolução: “A revolução brasileira é um movimento de reivindicações populares profundamente amadurecido na opinião nacional e visando sobretudo o estabelecimento do prestígio das leis e da moralidade administrativa”.³² Segundo Luise Bundy, a base ideológica da revolução, citada por Aranha, esteve ligada a uma elite política e econômica que não a planejou. Já o “profundo amadurecimento ideológico”, mostrou-se como um clássico golpe articulado contra o governo central, sem a pretensão de transformar-se de fato em uma revolução. A partir dessas considerações, percebemos que a posição do jornal serviu a interesses políticos que, temerosos de que o rearranjo proposto fugisse ao controle, trataram de qualificar de “revolução” o que nasceu como um golpe político no interior das elites. Dessa forma, para legitimar o movimento, compreende-se que fosse necessário ancorá-lo na idéia de que era a manifestação popular contra os desmandos do governo central, enquanto cassavam as vozes reais do povo. Neste sentido, este periódico criado

³¹Nossa bandeira. Op.cit.

³²Oswaldo Aranha chama a brios o trapaceiro do Catete. Op.cit.

especificamente para noticiar a revolução, foi veículo de construção da memória dos vencedores.³³

A composição de imagens negativas em que Washington Luiz aparece como representante do mal, encontra seu contraponto na composição das imagens de Getúlio Vargas e dos políticos mineiros. Enquanto Washington Luiz é, para “O Diário da Revolução”, a encarnação do mal, Getúlio Vargas é a personificação do bem, o grande representante da revolução e o salvador da república ultrajada.

O Diário vai forjando, ao longo de suas edições, a movimentação dos gaúchos e dos Estados que os apóiam, no encaminhamento da revolução e de Getúlio Vargas à presidência da nação. “Dentro em breves dias o Presidente Getúlio Vargas conduzirá o povo riograndense formando um exército imponente e aguerrido até a capital da República para instituir o verdadeiro regime democrático por que aspira a nacionalidade”.³⁴

Em outra edição, o Serviço Radiotelegráfico de “O Diário da Revolução” publica mensagem captada pela estação de rádio local, quando Santa Catarina recepciona Getúlio Vargas em sua marcha do Rio Grande do Sul rumo à capital.

*“As elites fascinadas pela popularidade altamente idealista deste movimento, o vem apoiando com o prestígio de sua influência (...) e a nossa mocidade que marcha a luta rindo e cantando, tem arrancado os mais delirantes aplausos de todas as populações. É grande o entusiasmo das mulheres que são as primeiras, em toda parte, a formar fileiras floridas para saldar a passagem dos bravos patriotas”.*³⁵

A mensagem de Vargas publicada pelo Diário, apresenta ao público o apoio militar recebido dos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e do norte do país, numa união de forças contra o mau governante Washington Luiz. Quando Getúlio se julga a expressão transitória da vontade

³³VESENTINI, Carlos Alberto e DE DECCA, Edgar Salvadori. “A revolução do vencedor”. In: **Ciência e Cultura**, 29(1), jan. 1977, p. 25-32.

³⁴Quartel revolucionário - rádio. 10 de outubro, nº2, p.3.

³⁵Serviço radiotelegráfico. 23 de outubro, nº15, p.2.

coletiva, ele se coloca como aquele que representa a vontade do povo, como o grande redentor do país, aquele que afirma: “Eu serei na chefia da nação brasileira, o instrumento da vontade do povo. O programa da revolução será fielmente executado, tanto na esfera política e social como no terreno econômico”.³⁶ O povo é colocado no centro de suas preocupações, e é em nome dele, que Vargas se consagra o representante máximo da revolução.

Na mesma mensagem, Vargas ainda se preocupa em tranquilizar os paulistas, afirmando que sua passagem por aquele Estado “visa apenas garantir a ordem militar (...) não havendo o menor propósito de hostilizar e humilhar nossos irmãos daquele Estado, que merecem estima e apreço”.

Em outra edição, o Diário traz uma mensagem captada que relata a partida de Vargas de São Paulo para o Rio de Janeiro, onde Vargas discursa:

“Foi melhor que houvesse o triunfo pelas armas do que pelo voto, porque desse modo teriam mais conquistas do que apenas reformas eleitorais, anistia que a princípio pleiteavam os candidatos da Aliança. Conseguida pelo recurso extremo das armas a vitória do povo era completa o que não conseguiriam unicamente pela sucessão presidencial”.³⁷

Nessa afirmação, Vargas assume a posição de que o caminho para as transformações só poderia ser aquele que foi trilhado, defendendo o uso das armas e desprezando a força do voto. O movimento armado encontra, mais uma vez, sua legitimação em um discurso que projeta a “vitória do povo” como prenúncio de uma verdadeira revolução. Assim, o Diário constrói a imagem de Getúlio Vargas como um homem de grandes qualidades, aquele que abre mão da tranquilidade de sua terra natal para pacificar o país. Para isso utiliza as palavras de um correspondente da imprensa chamado Firpo, através de uma mensagem captada pela Estação de Rádio local.

“Getúlio Vargas é o mesmo homem sereno e calmo a quem coube a tarefa de pacificar o Estado. Mas sua serenidade e calma, são impregnadas da energia interior que se reflete nas palavras. Ele é confiante na vitória,

³⁶ Para onde marchamos. 10 de novembro, nº30, p.1.

³⁷ O discurso do Dr. Getúlio Vargas. 1 novembro, nº 23, p.3.

*porque a vitória é a própria revolução, e é o povo que assume a direção dos destinos da Pátria, e não esquece a finalidade moralizadora do movimento, preocupado em chamar a prestação de contas, a quantos concorreram para o aviltamento moral e material a que chegamos. Grande reserva de vitalidade Getúlio Vargas foi para a luta que entende não poder a Revolução ser encarada como simples reintegração da vida normal da nossa Democracia. Percebeu seu descortínio político que reformas mais profundas se impõem de molde não só a remodelar os nossos costumes políticos e administrativos como ainda, de modo a melhorar a situação de quantos vivem na miséria, ao desamparo da lei".*³⁸

Nesse sentido, a imagem de Vargas que é divulgada, é a imagem de um homem que fará com que se aplique as leis e tratará com justiça os desafortunados que foram relegados ao esquecimento. A visão de Vargas como pacificador pode ser percebida em outros artigos como o que se segue: "Vê-se que Getúlio Vargas é bem intencionado, é animado de um forte amor com o Brasil e deseja ardentemente pacificar, do mesmo modo que agiu com seu Estado natal, a família brasileira".³⁹

Enquanto Getúlio passa por cima de Washington Luiz, da nação e do povo, o Diário forja a sua imagem como pacificador:

*"O dr. Getúlio Vargas que revela a orientação de um espírito emancipado das fórmulas caducas de uma absoluta política teórica e pessoal, não pode deixar de ter adquirido a convicção da urgência de regenerar não só os costumes mas a expressão das nossas forças ativas e empreendedoras".*⁴⁰

"O Diário da Revolução" prossegue a construção da idéia de Revolução, trabalhando positivamente como representantes do bem, outras personalidades da política nacional e mineira. Em diversos artigos do jornal, podemos observar a exaltação de políticos influentes como Rui Barbosa, Olegário Maciel, Antônio Carlos e outros. No cenário local, as atenções se voltam para os chefes

³⁸ Serviço radiotelegráfico. 23 de outubro, n15, p.2.

³⁹ Política pacificadora. 21 de novembro, nº40, p.2.

⁴⁰ O atual governo. 6 de novembro, nº27, p2.

revolucionários que comandam a revolução na região, como o Senador Camilo Chaves e o Capitão José Persilva.

O Diário apresenta a total integração das figuras de vulto político de Minas Gerais com a causa revolucionária, no apoio a Getúlio Vargas. E virtude desse sentimento, o Diário traz em várias edições, notas de um discurso de Rui Barbosa numa conferência em Juiz de Fora.

As notas fazem parte da construção do ideal revolucionário e da legitimação do movimento que se apóia em figuras marcantes da política nacional, como um suporte para sua efetivação.

“O Brasil está sofrendo também, mais cronicamente, do que de seu derrotismo. Queiramos – medi bem o alcance desse verbo prodigioso. Se querer é poder, queremos vencer. Minas pode ser vencida no tabuleiro verde, onde os políticos jogam a sorte de nos todos. Se porém Minas não se resigna a ser mirone, ou batotar na roleta, e de um arranco seguro, de um só movimento de seu braço, voar a banca e os banqueiros, os batoteiros e a batota, Minas, a honesta, a crente, a robusta, Minas, a Minas da Independência! (...) da liberdade (...) não saberá o que seja ser vencida. Vencerá Minas, e com ela, será vencedora a nação”.⁴¹

As palavras de Rui Barbosa colaboram para a ampliação da necessidade de desenvolvimento da revolução na região. Elas reafirmam a importância histórica do Estado de Minas Gerais e de sua força política, uma vez que essa importância fora abalada diante dos desentendimentos políticos entre São Paulo e Minas Gerais, precisando ser restabelecida.

“É justo que se fixe a atitude admirável desse venerado homem público – o sr. Olegário Maciel, que deu e está dando a Minas e ao país inteiro um exemplo de decisão, de bravura cívica, de desinteresse e patriotismo que o faz tão digno de admiração”. Esse trecho de um artigo de “O Diário da Revolução” exalta a figura do Dr. Olegário Maciel quando este toma para si a responsabilidade de agir com prudência para evitar a ação armada provocada por Washington Luiz. A esse

⁴¹Minas não pode ser vencida. 19 de outubro, nº11, p.3.

comentário o artigo diz: “A reação armada para salvar o país era inevitável. À violência teríamos de opor com violência (...) Tem Minas um chefe a altura de suas tradições e do seu civismo”.⁴²

Em uma mensagem captada pela rádio do Quartel Revolucionário, Olegário Maciel mostra seu o claro apoio a Getúlio Vargas: “Eu me congratulo com vossa excelência pelo êxito que vai tendo a luta em todo o país por esse magnífico prenúncio de uma era de grandeza e de dignidade para com a nação brasileira”.⁴³ Várias notas de políticos influentes em apoio a Vargas, estão distribuídas ao longo do jornal, utilizadas como meio de afirmação do movimento revolucionário.

A imagem de Antônio Carlos aparece em “O Diário da Revolução” como a de um visionário que antecipa a revolução:

“Foi o sr. Antônio Carlos o iniciador da luta, opondo-se decisivamente à candidatura imposta ao país pelo sr. W. Luiz, com a apresentação do nome do sr. Getúlio Vargas para candidato das correntes rebeldes que depois se formaram”.⁴⁴

“Os nossos dirigentes (...) são apenas os interpretes dos desejos do povo (...) Foi o que a lúcida visão de Antônio Carlos deixou expressa nas palavras “façamos a revolução antes que o povo a faça”.⁴⁵

A frase atribuída a Antônio Carlos, publicada em diversos jornais do país, foi utilizada pelos redatores em várias oportunidades nos artigos de “O Diário da Revolução”. Esta frase, “façamos a revolução antes que o povo a faça”, aparece ainda hoje em livros didáticos, contribuindo para a construção de uma determinada versão da memória histórica do movimento de 30.⁴⁶

Outros políticos de destaque regional foram incorporados no conjunto de artigos que compõem “O Diário da Revolução”. De acordo com Tito Teixeira, o Senador Camilo Chaves foi, no Triângulo Mineiro, um representante da política governamental de Antônio Carlos Ribeiro Andrada. Passava por ele todas as

⁴² Uma velhice coroada de glórias. 27 de outubro, nº18, p.1.

⁴³ Quartel revolucionário. Op.cit.

⁴⁴ O sr. Antônio Carlos e a situação política. 22 de novembro, nº41, p.2.

⁴⁵ O fator moral da revolução. 13 de outubro, nº5, p.1.

⁴⁶ SHIMIDT, Mário Furley. Nova História Crítica. São Paulo : Nova geração, 1999.

matérias políticas que se referia a esta região. Dessa forma, conseguiu para Uberlândia a criação de uma Escola Normal Superior, do Ginásio Mineiro de Uberabinha, da Estação Experimental de Sementes e a instalação da Estação de Rádio que prestaria relevantes serviços à causa revolucionária.

“Em 1930, Sendo nomeado pelo Comitê Revolucionário, Comandante em Chefe do movimento Revolucionário no Triângulo Mineiro, o Senador Camilo Chaves, escolheu Uberlândia, onde morava, para base de suas operações, focalizando-a perante as demais comunas na luta pelo ideal comum. Inicialmente percorreu todos os municípios da zona de operações, organizando planos, criando núcleos e inspecionando portos, em companhia do então Capitão José Persilva, do Tenente Alysson e do Capitão Tito Teixeira, assistente geral”.

*O setor Camilo Chaves de composto de uma cunha encravada entre dois Estados com a responsabilidade de impedir a ligação de forças inimigas, cujo esforço representava uma das chaves decisivas da vitória. Os Estados de Goiás e São Paulo fortemente preparados e municados forçavam constantemente a invasão do Triângulo cuja ação defensiva foi provocando receio aos pretensiosos, até o dia da vitória final. Terminado o movimento e empossado o presidente Getúlio Vargas, em 1931, Camilo Chaves rompeu com o Governador Olegário Maciel, recusando sua oferta de uma das secretarias, para ficar fiel ao Partido Republicano Mineiro”.*⁴⁷

Camilo Chaves era, para o Triângulo Mineiro, a personalidade política que ligava o interior à capital e aos interesses revolucionários em destaque. Por isso, muitas vezes seus atos são narrados, enaltecendo a causa revolucionária, numa atitude de afirmação do movimento.

“Designado para chefiar o movimento revolucionário nesta zona, o Senhor Camilo Chaves mostrou-se de uma operosidade e zelo inexcedíveis no desempenho da elevada missão de que fora investido. Todos nós fomos testemunhas da habilidade com que o talentoso parlamentar soube orientar aqui a ação revolucionária: dirigindo e aproveitando todas as iniciativas úteis,

⁴⁷ TEIXEIRA, Tito. Op.cit, volume 2, p. 352.

concitando e animando com a sua influência e entusiasmo popular, emprestando seu vasto prestígio à causa da revolução".⁴⁸

Subordinado ao Senador Camilo Chaves, o Capitão José Persilva era quem dava a voz de comando para a manutenção da ordem social na cidade de Uberlândia, recebia as notícias radiotelegráficas da revolução e concedia a licença para a publicação de "O Diário da Revolução". Ambos controlavam as notícias divulgadas neste veículo de comunicação, ficando os redatores sob ordem direta destes.

As imagens do capitão Persilva no Diário também são positivadas nos artigos que exaltam sua pessoa. O tom enérgico que aparece nos editais dá-lhe um ar de herói que zela pela ordem da cidade, em virtude da revolução.

"Uberlândia, que tem vivido dias de intenso entusiasmo, hospeda em seu seio a figura atraente do bravo capitão Persilva. Tem sido este destemido soldado mineiro um desvelado mantenedor da ordem revolucionária, neste Município. Militar honrado e consciencioso, o capitão Persilva impressiona, sobretudo pela integral consciência que possui, de seus deveres. (...) A sua palavra de militar afeita a dirigir soldados tem sido ouvida pelo nosso povo".⁴⁹

Verifica-se que, desde o momento da deflagração do movimento revolucionário, o poder legalmente constituído é suspenso. As determinações de poder do Comando Revolucionário que assumiu de fato o governo da cidade, são transmitidas à população nas edições do Diário. Essa colocação torna-se evidente na ausência de registros das atas da Câmara de Vereadores nas cidades de Uberlândia e Tupaciguara. Em Uberlândia há a abertura e encerramento das sessões apenas por protocolo, sem que haja reuniões de outubro de 1930 a janeiro de 1931. Em Tupaciguara, as atas se encerram na primeira semana de outubro, para retomar sua continuidade em janeiro de 1931, sem que ocorra qualquer explicação. Dessa forma, podemos concluir que de fato houve a suspensão do poder legalmente constituído na região.

⁴⁸ Senhor Camilo Chaves. 25 de novembro, nº43, p. 4.

⁴⁹O capitão Persilva. 11 de outubro, nº3, p.3.

Observamos que “O Diário da Revolução” utiliza personagens marcantes da política nacional na formação dos conceitos de bom ou mal governante e, ainda, se vale dessas personagens no processo de construção da idéia de revolução. Esses personagens são importantíssimos para o processo de formação da consciência revolucionária, que é uma das propostas do jornal.

Outros personagens que compõem a revolução na cidade de Uberlândia fazem parte da sociedade local. Os coronéis vinculados à agricultura, à pecuária e ao comércio (possuidores do capital na região do Triângulo Mineiro), se envolvem no processo revolucionário que se iniciou na capital de Minas e se estende pelo país. A adesão local pode ser verificada nas doações de gado para alimentar as tropas revoltosas, na doação de capas para agasalha-los e, principalmente, na formação dos batalhões patrióticos constituídos na região. Como tinham interesses econômicos em jogo, não interessava a eles que o ritmo de vida, basicamente rural, fosse alterado, bem como a interrupção do trabalho dos camponeses e a atividade do comércio.

O Diário publica, através de editais e notificações, a obrigatoriedade dos cidadãos portarem salvo-conduto para se movimentarem de uma cidade a outra. Tanto a emissão do salvo-conduto, como a suspensão dessa concessão a determinados membros da sociedade, foram instrumentos utilizados pelos envolvidos no processo revolucionário para controlar a movimentação de trabalhadores, a fim de evitar prejuízos aos donos dos meios de produção durante a revolução.

De acordo com Luise Bundy, apesar dos coronéis deterem a força política e econômica em Uberlândia, não coube aos mesmos idealizar a revolução. As ordens do comando da revolução vinham direto de Belo Horizonte e obedeciam a um rígido sistema. Segundo Bundy, a real manifestação dos intelectuais em Uberlândia também foi mantida sob controle dos coronéis durante a revolução. Isto demonstra que a cadeia de controle passava pelas elites econômicas locais, que receberam o consentimento e adesão de liberais nacionalistas e dos comerciantes locais. Desse modo, verifica-se que a revolução em Uberlândia foi

“feita” pelos segmentos que mantiveram o poder calcado na força econômica, registrando-a na imprensa. São os discursos dos vencedores, que usaram seu potencial financeiro associado à sua capacidade intelectual (ou a de contratar os que possuíam-na).

O apoio à causa revolucionária pode ser percebido em outros setores sociais que se colocam à disposição do movimento revolucionário em Uberlândia. A preocupação em auxiliar na manutenção da ordem na cidade durante a revolução pode ser apreciada no apoio da Loja Maçônica ao movimento:

“Causou boa impressão o gesto da Loja Maçônica desta cidade, que no intuito de amparar à pobreza, no momento em que passa, resolveu angariar donativos (...) para evitar que mais tarde se realizem alguns fatos desagradáveis por parte da pobreza faminta”. Outra instituição que presta continência às articulações revolucionárias do Triângulo Mineiro é a Colônia Síria de Uberlândia. Esta, coloca-se a disposição do movimento revolucionário “a fim de cooperar eficientemente na vitória de nossa nobre causa”.⁵⁰

Observamos que o Diário compõem imagens da revolução tanto no patamar nacional, como local. A revolução é planejada numa composição de articulações vindas de Belo Horizonte, que ditariam as regras do movimento político e militar em Uberlândia e destacado em “O Diário da Revolução”.

⁵⁰Um jogo de dedicação/ Gesto simpático. 14 de outubro, nº6, p.4.

As atividades revolucionárias no Triângulo Mineiro

A ação revolucionária no Setor Triângulo Mineiro foi determinada já em junho de 1930 pelo Secretário da Segurança Pública de Minas Gerais. Essa ação obedecia a um certo planejamento prévio, o que fazia com que a revolução não tivesse sido uma surpresa total na região. Segundo a entrevista sobre o Setor Triângulo Mineiro, concedida ao jornal pelo sr. Odilon Braga, os reservistas

“Tinham por missão conter o inimigo em frente às pontes do Delta e do Jaguará, na fronteira com São Paulo e Engenheiro Berthout e Affonso Penna, na fronteira goiana. Para isso foi o Triângulo Mineiro dividido em dois setores, um com vértice em Uberaba e outro com vértice em Uberlândia. Para Uberlândia seguiu daqui o capitão Persilva. Ao senador Camilo Chaves foi dado o encargo de reunir e organizar voluntários e de coordenar os esforços dos municípios daquela região, para maior êxito da atuação revolucionária. Em agosto, mandou-se para Uberaba, para o 4º Batalhão, um apreciável reforço de armamento e munição”.⁵¹

A divisão dos setores foi realizada para facilitar a movimentação das tropas e aumentar o controle das fronteiras sujeitas a invasões. “O Diário da Revolução” traz algumas notícias da movimentação armada na cidade de Uberaba, porém seu enfoque é voltado para as atividades da Ponte Affonso Penna, na divisa de Minas com Goiás. Luise Bundy diz que o esforço desse veículo de comunicação em destacar a cidade de Uberlândia se devia ao fato dela disputar com Uberaba o posto de cidade mais importante do Triângulo Mineiro. Nesse sentido, os apontamentos da movimentação revolucionária na cidade de Uberaba seriam destacados naquele momento, em um jornal local de grande acesso nessa cidade e região, conhecido por “Lavoura e Comércio”.

Para que o processo revolucionário se fizesse visível no setor do Triângulo Mineiro, era necessária a promoção de duras medidas por parte do comando revolucionário. Essas medidas, divulgadas em “O Diário da Revolução”,

⁵¹ Setor Triângulo Mineiro. 12 de novembro, nº32, p.4.

consistiam na formação de várias comissões, entre elas, a Comissão de Requisições, na composição de Batalhões Patrióticos, na fundação de uma Companhia de Guerra em Uberlândia, no elogio aos combatentes e ameaças aos desertores, entre outras. As medidas do Comando Revolucionário para o desenvolvimento da Revolução anunciadas nesse jornal, são os pontos principais a serem abordados neste capítulo.

A redação do Diário, sob orientação do Comando Revolucionário, fez com que as ações do movimento chegassem ao público através de artigos e editais. Neste Diário, publica-se artigos que exaltam a figura do povo mineiro, sua bravura, seu entusiasmo e patriotismo. Porém, o Diário também traz os editais e as convocações do Comando revolucionário que ameaçam com hostilidade aos que descumprirem suas ordens.

Em algumas mensagens captadas dos serviços radiotelegráficos e publicadas, a mocidade é convocada a participar da movimentação, apresentando-se livremente, como um ato de grandeza que é próprio do povo mineiro: "(...) O entusiasmo do povo atinge as raias do delírio. O número dos revolucionários sobe a proporções incalculáveis".⁵² O entusiasmo citado aparece nesse jornal com grande frequência, porém, fica evidente que a redação exagera nas proporções desse entusiasmo, chegando a fantasia-lo em algumas ocasiões.

Em outros artigos os redatores usam um tom mais grave, como se colocassem sobre os ombros dos jovens mineiros o peso do futuro da revolução: "Avante mocidade! Quebremos as correntes asfixiantes para respirarmos um novo ambiente, o ar puríssimo e vivificante da liberdade. A semana que passou foi uma epopéia na história da pátria e os dias que seguem são de luta, glórias e esperanças!..."⁵³ Assim, o Diário segue contando com a atuação da mocidade para que a proposta da revolução seja efetivada.

Convites para a participação voluntária na revolução tornam-se freqüentes nas edições iniciais de "O Diário da Revolução", contradizendo a idéia de adesão

⁵² Mensagem irradiada. 9 de outubro, nº1, p.3.

⁵³ A mocidade de Uberlândia 15 de outubro, nº7, p.4.

voluntária. Porém, na edição do dia 15 de outubro, lê-se a seguinte nota: “Creio estar terminada a fase da propaganda revolucionária. Os que até agora não foram ganhos pelo entusiasmo que desperta a nossa grande causa, é porque são de todo inacessíveis às idéias nobres (...)”⁵⁴ A partir dessa edição o jornal passa a cobrar uma atitude de apoio por parte da população local, usando uma linguagem agressiva, ao tratar com os cidadãos que não apóiam o movimento:

*“Não importunemos esses mocinhos almiscarados (...) Piedade para eles! Perdoemos mesmo as chacotas, os risotas escarninhos com que pretendem diminuir o nosso entusiasmo. Eles não nos podem compreender, pois que a sua visão míope não consegue ultrapassar o campo ególatra que abrange a sua pança rubicunda”.*⁵⁵

O trecho acima citado trata os que não se engajaram à causa revolucionária como sujeitos covardes que não apóiam o movimento libertário proposto pelos revolucionários. O artigo pretende atingi-los em sua conduta moral, afirmando que “não há pretexto algum capaz de justificar a inércia pusilânime em que querem ficar os comodistas”.⁵⁶

Nesse sentido, mesmo sem a intenção de passar adiante informações contrárias à causa, o Diário traz à tona um público que até então não havia aparecido em suas páginas. Um grupo social que não compartilhava os ideais do processo revolucionário, praticamente o desprezava e talvez até fizesse oposição a ele. Nas brechas desse artigo, podemos notar que a cidade não estava toda unida em torno da causa como sugere o jornal, quando diz que “a nossa cidade assumiu inteiramente um aspecto novo”.⁵⁷ Nota-se que a construção do ideal revolucionário com a adesão total da população foi forjada pelo Diário, uma vez que a população não é envolvida de fato no movimento, e sim simbolicamente. A revolução não deveria ser contestada, e mesmo que os artigos tenham deixado brechas à contestações, esta não foi a intenção do jornal.

⁵⁴ Marchemos. 15 de outubro, nº7, p.4.

⁵⁵ Marchemos. Op.cit.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Uberlândia alerta. 12 de outubro, nº4, p.4.

Na eminência de uma invasão armada de tropas goianas e paulistas ao território mineiro, o Comando Revolucionário reagiu formando a Comissão de Requisições. Em nome dessa comissão, o Diário publica um pedido de agasalhos para distribuir aos voluntários que estavam na ponte Affonso Penna:

*“Vinde a nós, cidadãos de Uberlândia, trazei-nos os agasalhos que possuis – as vossas capas, os vossos sobre-tudos, os vossos palas – e nós os enviaremos incontinenti, hoje mesmo se possível, àqueles nossos compatriotas que têm por leito a folhagem umedecida e verde da frondosa mata e como teto o manto azul do firmamento”.*⁵⁸

O pedido é atendido pelos membros da sociedade uberlandense, que tem seus nomes publicados nas edições seguintes como forma de agradecimento.

*“Atendendo ao nosso apelo, forneceram hoje agasalhos para os soldados voluntários que se acham na frente, os seguintes senhores: Senador Camilo Chaves, uma capa, Antonio Costa, uma capa, Alexandre Marquez, uma capa⁵⁹ (...) um sobre-tudo: cel. Arlindo Teixeira, Seraphim Aguirre, Olindo Silva, José Monteiro,(...) dois cobertores: D. Aurora Chaves, (...) um toldo: João José da Silva...”*⁶⁰

Também são publicadas listas com nomes de pessoas que são convidadas a comparecerem na sede da comissão, à quem são solicitados armamentos, gêneros alimentícios e vestuário que seriam enviados aos combatentes mineiros em confronto com os goianos, na Ponte Affonso Penna.

A Comissão de Requisições não atuou apenas em Uberlândia com solicitações publicadas no jornal “O Diário da Revolução”. Sua atuação também se estendeu às fazendas de outros municípios na região do Triângulo Mineiro, como nos contou o senhor Eurípedes de Faria, que morava na fazenda Carretão, no município de Tupaciguara, próximo ao Córrego Passa-Três, localizado a 10 km de Itumbiara.

⁵⁸ Cidadãos de Uberlândia. 22 de outubro, nº13, p.4.

⁵⁹Atendendo. 23 de outubro, nº15, p.3.

⁶⁰ Atendendo. 25 de outubro, nº17, p.4.

*“Me lembro que nós viemos, já descendo o primeiro topo da serra, pra chegar no rancho do meu pai. Enquanto subia, nós ouvíamos os tiros. (...) Vinha subindo da extensão do Córrego Passa-Três, os Gomes, que ficaram com medo também, e vinham querendo subir a serra pra esconder da revolução; com medo deles pegar as armas. Eles ficaram com medo do comando passar por lá e pegar um capado, uma vaca e levar, sabe. Mas não adiantava eles ficarem lá vigiando, que eles passavam lá e pegavam assim mesmo. Matava o capado e levava pro batalhão comer. Muitos ofereciam, outros já negavam, não estavam sabendo daquilo”.*⁶¹

O Sr. Eurípedes tinha 10 anos quando estourou a Revolução de 1930. Ele foi escolhido entre as entrevistas realizadas para esta pesquisa, pois suas lembranças trazem à tona um ponto que o jornal ignora: o medo do povo frente aos acontecimentos revolucionários. Muitas pessoas não tinham acesso às informações sobre o que ocorria naquele momento, por isso negavam sua colaboração e entravam em choque com os integrantes da Comissão de Requisições. Outras aderiam à causa e colaboravam livremente com os revolucionários, ou também se negavam a fazê-lo.

A Comissão de Requisições, segundo o Sr. Eurípedes, entrava nas fazendas, requisitava armas e animais para serem enviadas para os combatentes, mesmo que os donos não autorizassem. A colaboração solicitada por essa comissão nos pareceu um roubo, a retirada de algo que não mais retornaria a seus respectivos donos. No entanto, e fala do Sr. Eurípedes contradiz os artigos do jornal, que apresenta as requisições como um gesto patriótico do doador em favor da causa revolucionária.

“Foram ofertados, gratuitamente pelos fazendeiros ituiutabanos cerca de duzentas cabeças de gado e igual quantidade de “capados” para alimentar os soldados da revolução (...) se for preciso o município, ainda encontra nas suas reservas de energia material e humana, novos oferecimentos,

⁶¹ Entrevista concedida pelo sr. Eurípedes de Faria, no dia 08/10/2001, em Tupaciguara.

outras dádivas para o triunfo da causa que é a honra de Minas do ressurgimento nacional".⁶²

A contribuição voluntária de Ituiutaba ainda poderia ser ampliada, caso fosse este o interesse dos coronéis que dominavam aquele município. Tito Teixeira diz que, para o recolhimento de armas e munições da população e para poder contar com a boa vontade da mesma, a Comissão de Requisições precisou expedir 348 intimações, após o que foram "democraticamente" atendidas em meio a muita pressão.⁶³

A necessidade de requisitar armas partia da constatação de que Uberlândia não tinha armamento suficiente para fornecer aos reservistas que se apresentaram às convocações. A falta de munição e armamento produziria em Uberlândia, Uberaba e Belo Horizonte, um esforço relativamente grande na produção de um material alternativo que desse suporte à movimentação revolucionária. Segundo os redatores de "O Diário da Revolução":

"Assim em Uberaba foi preparado um carro blindado que fez prodígio em Delta contra as forças paulistas, nesta revolução; em Uberlândia construiu-se um canhão que prestou relevantes serviços na Ponte Affonso Penna e em Belo Horizonte fabricou-se um avião com material mineiro".⁶⁴

Notamos que a revolução gerou um concentrado esforço de guerra nessas três cidades, onde as necessidades forçaram os integrantes da revolução a produzirem algo até então inédito.

"O carro blindado, criação do Sr. Ângelo Zappelli, ex-soldado combatente da Legião de Fiume, Itália, sob o comando de Gabriel D'Annuzio, era um automóvel que sofreu a necessária adaptação nas oficinas mecânicas do Sr. Alessandro Boscolo, desta cidade (Uberaba). Fora armado com duas metralhadoras e tripulado por cinco pessoas, isto é, dois fuzileiros encarregados das metralhadoras, um carregador, um mecânico e um condutor. (...) Cessada a fuzilaria pelos nossos, o carro blindado foi para a estação de Delta, onde ficou servindo de espantalho para as forças

⁶²A contribuição de Ituiutaba. 24 de outubro, nº16, p.4.

⁶³BUNY, Luise. Op.cit.

⁶⁴ 29 de outubro, nº20, p.3.

*paulistas que, ainda a noite, em pura perda, mantiveram contra as nossas posições, tiroteio seguido.*⁶⁵

O canhão utilizado como armamento pesado na Ponte Affonso Penna durante a revolução foi construído sob as ordens de um alemão, veterano da 1ª Guerra Mundial, nas oficinas dos Crosara. Foi aprimorado com a ajuda de vários uberlandenses, que também colaboraram juntando latas para a fabricação das bombas. Segundo Antônio Pereira da Silva:

*“Quando o canhão ficou pronto, colocaram-no num caminhão com um carregamento de “bombas” que enchia a carroceria. Levaram-no para a Ponte Affonso Penna onde foi usado. Mas antes deram um passeio pela Avenida Affonso Penna com banda de música, foguetes e tudo. Os soldados colocaram-lhe o nome carinhoso de “Emílio”.”*⁶⁶

De acordo com o relatório do Dr. Jales de Siqueira, os soldados usaram carabinas winsheter, uma metralhadora pesada que foi fundamental para o combate na Ponte Affonso Penna, mais algumas armas de porte variado e uma peça de bombardeio. O canhão dos Crosara bombardearia as trincheiras inimigas, caso não tivesse cessado as hostilidades no dia 25 de outubro.⁶⁷

Nas edições iniciais ocorre o freqüente chamado a adesão ao movimento revolucionário, em vários números: “Cidadãos! Alistai-vos na Companhia de Guerra de Uberlândia”. Os cidadãos eram convidados a participar da Companhia de Guerra de Uberlândia como combatentes voluntários: “A Companhia de Guerra já fez distribuir um manifesto aos homens livres de Uberlândia expondo os seus fins, continua a aceitar a adesão de todos aqueles que quiserem marchar para a linha de fogo, quando o Comando Geral ordenar”.⁶⁸

⁶⁵SILVEIRA, Cel. Hely Araújo da., **Memórias do 4º Batalhão da PMMG** - Uberaba, MG ; Arquivo público de Uberaba, p.87.

⁶⁶REVISTA DYSTAK'S. **Emílio o canhão dos Crosara** – novembro – ano 1996. p.68.

⁶⁷Relatório das Operações Militares no Setor Ponte Affonso Penna, ao Senador Camilo Chaves. Araguari, 02/02/1931.

⁶⁸Companhia de Guerra de Uberlândia, 15 de outubro, nº7, p.2.

A Companhia de Guerra era formada por reservistas de Uberlândia e reservistas voluntários de vários municípios de Minas, rapazes de São Paulo, Goiás e Estados do norte do país. A ela também se incorporou o Batalhão Patriótico de Monte Alegre, pois corria o boato de que o Triângulo seria invadido por tropas de Goiás. A Companhia de Guerra recebeu o nome de “Coluna Revolucionária de Uberlândia”, sendo composta por figuras da sociedade uberlandense e não do povo.

Entre aqueles que partiram para a fronteira, figuram companheiros nossos de trabalho, como o professor Nelson Cupertino, do Corpo Docente do Ginásio local, doutor Queiroz Lima, Diretor da Escola Normal de Paracatu, professor Nelson Porto, vários comerciantes, enfim, membros da melhor sociedade de Uberlândia”.⁶⁹

Cabe lembrar que, nesse momento, ser revolucionário implicava na qualificação do sujeito envolvido, como um herói. Isso explica, em parte, a adesão dos membros da sociedade e seu interesse em se tornarem revolucionários. Após a formação dessa coluna, formou-se o Batalhão Patriótico Affonso Penna, também em Uberlândia, composto por pessoas de posição social mais simples, que se juntaria à Coluna na Ponte Affonso Penna.⁷⁰

O convite à adesão na Companhia de Guerra é reforçado pelo artigo “Desertor”, escrito pelo redator José Teixeira, que trata como miserável todo cidadão que não aderir à causa: “A deserção é filha da covardia, do poltronismo, indigna do ser que veste um par de calças e se chama homem”.⁷¹ A mesma página apresenta uma homenagem de honra ao mérito ao Comandante Persilva completando a tríade “convite, ameaça e glória”, muito constante nessas edições.

“Tendo ontem circulado o boato de que o Triângulo seria invadido por forças de Goiás, imediatamente, num gesto de nobre desprendimento a mocidade que compunha a “Companhia de Guerra de Uberlândia” e um grupo de reservistas apresentou-se ao Comando Geral, pedindo fuzis e

⁶⁹ Entusiástico espetáculo de civismo, 17 de outubro, nº9, p.2.

⁷⁰ TEIXEIRA, Tito. Op.cit.

⁷¹ TEIXEIRA, José. Desertor, 15 de outubro, nº7, p.2.

munição para defender o território mineiro e batalhar pela Revolução Brasileira".⁷²

A adesão voluntária, tão freqüentemente enaltecida, torna-se contraditória frente aos editais publicados no Diário pelo Comando Revolucionário, que diziam:

"Ficam pelo presente edital convocados todos os reservistas deste município para comparecerem no Comando Geral, no Edifício do Ginásio, sem perda de tempo, logo que tenham conhecimento do presente edital. Os reservistas de outros municípios deverão apresentar-se nos quartéis das respectivas sedes. A lista de reservistas está em poder do Comando Geral e serão considerados desertores e tratados como tal, todos os que não comparecerem".⁷³

Diferente dos artigos em que o jornal convida os cidadãos a aderirem ao movimento, o edital ordena o alistamento dos reservistas. Dessa forma, ao mesmo tempo que faz o convite, o Diário auxilia o Comando Revolucionário a obrigar os cidadãos a se alistarem, uma vez que a proposta da revolução inicia-se de cima para baixo.

A revolução que deveria traduzir a insatisfação e as necessidades do povo acaba se limitando a satisfazer aos interesses da oligarquia. Se os líderes da Aliança Liberal não impusessem à polícia e seu servidores um ataque armado contra o governo da nação, a revolução não teria condições de ocorrer, pois o povo e as forças armadas não estavam preparados para se levantar contra o governo federal.⁷⁴

A adesão popular se dava sob a pressão do Comando Revolucionário, dirigido pelo Capitão José Persilva, que não solicitava, mas exigia a participação popular mediante o uso de ameaças. A coerção à população pode ser observada nas ameaças aos desertores e no recolhimento de armas e munições por meio de intimações.

⁷² Entusiástico espetáculo de civismo. Op.cit.

⁷³ Edital. 13 de outubro, nº5, p.3.

⁷⁴ BUNDY, Luise. Op.cit.

Seguindo a linha de ameaças colocadas pelos editais, alguns artigos são publicados pelos redatores contra os cidadãos boateiros.

“Os animaizinhos que parasitam a revolução, e tiram-lhe a sombria beleza, são os boateiros, os terroristas. (...) Podemos agora adiantar que na primeira oportunidade, serão tomadas severas medidas contra os autores de boatos, e para isto já está nossa polícia trabalhando.”⁷⁵

A pressão contra os boateiros é aumentada após a vitória da revolução, quando qualquer manifestação contrária à causa poderia comprometer a consolidação da mesma. Um edital publicado em 17 de novembro pelo Major José Persilva, diz que este

“(...) agirá com o máximo rigor contra aqueles indivíduos que naquela cidade se portarem de maneira inconveniente, agindo ou falando, para com o governo revolucionário, as suas atitudes, os seus próprios homens. (...) mandará prendê-los onde quer que forem encontrados praticando a vilania do impatriotismo e da desordem neste augusto momento em que estão em jogo os destinos da Pátria”.⁷⁶

A adesão dos voluntários também pode ser verificada, segundo os redatores, por “intermédio dos chefes municipais”⁷⁷ que organizavam batalhões patrióticos usando suas influências para aumentar os ânimos da causa revolucionária.

“Na cidade, foi função dos batalhões patrióticos a manutenção da ordem existente, ou seja, nada deveria ser alterado em Uberlândia, a não ser a chefia da política. Sob este prisma, justifica-se até mesmo a “ordem revolucionária” impingida pelo Capitão Persilva. Deveria haver a manutenção do tradicionalismo, que, de certo modo, era a negação da própria revolução. O “Batalhão Cel. Marcos de Freitas”, encarregado da guarda da cidade e da manutenção da ordem pública, seguia de perto a filosofia do seu

⁷⁵ Boatos, boatos. 17 de outubro, nº9, p.1.

⁷⁶ Edital. 17 de novembro, nº36, p.1.

⁷⁷ Eles e nós. 17 de outubro, nº9, p.1

comandante militar, que foi o “mantenedor da ordem revolucionária” em Uberlândia”.⁷⁸

A campanha iniciada pelo comando revolucionário para impedir o acesso das tropas goianas ao território mineiro contava com o apoio de vários batalhões patrióticos na região do Triângulo Mineiro.

“Os elementos das melhores famílias, daquele município (Ituiutaba), foram os primeiros a entrar na ação revolucionária organizando batalhões patrióticos, armando-se poderosamente, para enfrentar as forças inimigas, com animo forte e sadio idealismo”.⁷⁹

“O Diário da Revolução” traz a publicação de um despacho recebido pelo Dr. Jales de Siqueira, no qual os voluntários de Tupaciguara se preparam para aderir ao movimento: “NOME TUPACIGUARA NÃO SOFRERÁ SOLUÇÃO CONTINUIDADE. ABRAÇOS”.⁸⁰ O engenheiro Jales de Siqueira destaca em seu relatório⁸¹ que, no dia seguinte a essa publicação, seguiu sob ordem direta do Comando Revolucionário para comandar o Batalhão Patriótico Olegário Maciel de Tupaciguara, rumo à movimentação na Ponte Affonso Penna. Lá esse batalhão se uniu a quinze policiais mineiros, a um grupo de patriotas de Monte Alegre, de Ituiutaba e Uberlândia, compondo o grupo de revolucionários que entrariam em Goiás.

Os reservistas, posteriormente, se juntaram aos soldados do 5º Batalhão da Polícia Mineira, formando um grande corpo de combatentes, mesmo que não houvesse armas para todos. Essa união levou à formação da imagem do povo como integrante da polícia mineira. Muitas vezes, o Diário traz a palavra povo no lugar onde deveria constar polícia ou forças armadas, uma vez que o jornal acredita que na luta

“(…) as posições sociais se igualam (...) Enfim, unidos em um só corpo e uma só alma, e obedientes às ordens do supremo comando geral, o exército de libertadores da pátria aguarda o momento de marchar contra os inimigos da

⁷⁸ BUNDY, Luise. Op.cit.

⁷⁹ Patriotas de Ituiutaba. 12 de outubro, nº4, p.3.

⁸⁰ Comunicado. 15 de outubro, nº7, p.3.

⁸¹ Relatório das Operações Militares no Setor Ponte Affonso Penna. Op.cit.

*nação. A união produzindo a força, a obediência cega à voz dos superiores, eis as virtudes que o momento requer de nós, companheiros de luta e ideal”.*⁸²

A justificativa para a idealização da polícia e exército como sendo o povo que luta de armas nas mãos, se daria através da representação da polícia como quem executou a vontade popular: “Os nossos dirigentes não pretendem impor-nos sua vontade pessoal (...) eles são apenas os interpretes da vontade do desejo do povo”,⁸³ uma vez que as posições sociais se nivelam quando se unem em favor da causa revolucionária.

O Diário traz uma mensagem, irradiada do Rio Grande do Sul, onde o coronel Góes se dirige aos companheiros do exército e milícias de São Paulo e Bahia.

*“O Coronel Pedro Góes Monteiro, chefe do Estado maior das forças nacionais, faz a seus companheiros do Exército Federal e as forças policiais de São Paulo e Bahia, um fervoroso apelo no sentido de não mais receberem ordens de um governo que a nação inteira repugna e odeia”.*⁸⁴

Segundo Boris Fausto, enquanto no interior das Forças Armadas os altos escalões estavam bastante divididos, os tenentes assumiram o comando das operações com amplo apoio das bases, sendo o caso típico do general Góes Monteiro.

O pedido do coronel para que seus companheiros não atendessem às ordens do governo Washington Luiz faz parte das articulações revolucionárias para a derrubada do governo vigente e implantação do governo revolucionário.

O êxito da revolução de 1930 dependeu do papel desempenhado pelos militares, em especial do setor militar mais dinâmico representado pelos tenentes. O movimento tenentista que, na década de vinte, se apresentava como responsável pela salvação nacional, não se manifestou em Uberlândia e região

⁸² O momento. 15 de outubro, nº5, p.4.

⁸³ O fator moral na revolução. Op.cit.

⁸⁴ Mensagem irradiada do Rio Grande do Sul. 13 de outubro, nº5, p.2.

durante a Revolução de 1930. As forças do exército mostravam-se insuficientes e o quadro de policiais nitidamente reduzido, apontando para uma fragilidade militar.

A movimentação armada na Ponte Affonso Penna foi encerrada quando as tropas mineiras invadiram Goiás já sabendo que “no Rio, rebentara o movimento revolucionário” e as tropas de Totó Caiado haviam abandonado Santa Rita do Paranaíba. Por estar o contingente revolucionário mais na defensiva do que no ataque, devido à falta de armas, Camilo Chaves só arriscou a travessia da ponte quando percebeu que não havia mais riscos.

O movimento político e militar, previamente preparado, ocorrido em 1930 no Triângulo Mineiro, não tinha estruturas suficientes para o caso de estourar a revolução. Essa possibilidade pode ser visualizada na ausência efetiva da participação popular no movimento que deveria ter suas bases no povo, no entanto, nasce de uma atitude de um grupo de políticos que pretendiam manter-se no poder. Observamos que foram as pessoas influentes que se voltaram contra Washington Luiz, ordenado a seus subordinados que também o fizessem dentro e fora dos quartéis.

Os representantes da revolução no Triângulo mineiro agiram assumindo o papel de chefes políticos legalmente constituídos, intimando e não simplesmente convocando os reservistas para a atividade armada. Colocaram todo seu poder a serviço da revolução, ignorando quaisquer regras legais, que não fossem as da causa revolucionária. Nesse sentido podemos dizer que a condução da revolução ocorrida na região foi o produto do interesse da elite mineira ligada a Antônio Carlos, que a planejou e executou usando a imagem popular sem inseri-la de fato no processo.

As projeções da revolução

O movimento revolucionário não mediu esforços para o êxito de sua causa. Com esse fim, “O Diário da Revolução” lançou mão de artifícios que auxiliaram na repercussão da imagem do movimento revolucionário e no envolvimento dos demais cidadãos à causa, por meio de artigos que atingiam os sentimentos do povo.

O Diário aborda uma pretensa tradição do povo mineiro, que seria uma espécie de guardião da liberdade no país, destacando também o patriotismo e entusiasmo desse povo. A partir daí, também articula as projeções despertadas pela proposta revolucionária.

Neste capítulo, procuramos destacar como o jornal abordou as novas propostas do movimento revolucionário ocorrido em 1930 e as projeções que elaborou para o futuro, a partir da vitória do movimento, com as quais encerramos nossas considerações.

A tradição e o passado histórico de lutas nacionais iniciadas no território mineiro são enaltecidos pelos artigos dos redatores desse jornal:

*“Minas, - a terra da gente ordeira, do povo essencialmente conservador, - sempre teve a sua vida, quer no império, quer na república, ao lado dos poderes constituídos. A esses emprestou sempre a sua leal solidariedade, a colaboração dos seus homens públicos amantes da lei e dedicados na defesa das instituições. Sua vida de Estado federado é um modelo de virtudes cívicas e de incedível amor a esta grande Pátria. Sua política sempre se norteou pelo bem da coletividade brasileira, socorrendo a todos os seus irmãos da federação nos momentos mais angustiosos de sua vida”.*⁸⁵

É em nome de seu passado glorioso que Minas se coloca como legítima representante dos anseios nacionais, como aquela que também marcha à frente do movimento revolucionário em nome de toda nação e da liberdade do povo brasileiro.

⁸⁵ Dente por dente. 14 de outubro, nº6, p.4.

*“Tomando parte saliente na atual campanha de regeneração de costumes, Minas dá a esse movimento a certeza do triunfo. Quando o pacato povo de Minas chega a se rebelar, é porque nenhum outro recurso lhe restava para salvar os interesses da Pátria ameaçados”.*⁸⁶

O jornal coloca o Estado de Minas Gerais como o grande salvador das políticas nacionais, uma vez que, segundo ele, coube ao povo mineiro iniciar o movimento desencadeado no país em 1930. No entanto, a atitude de liderança dos governantes mineiros vai de encontro aos interesses do próprio Estado, que não pretendia ser excluído da política nacional, uma vez que foi rompido o pacto entre São Paulo e Minas Gerais na política café-com-leite.

A revolução que se inicia com a contestação das eleições fraudulentas, também pode ser vista como um golpe de Estado, organizado para proceder a um novo rearranjo na distribuição do poder das elites políticas dos Estados envolvidos. Mesmo que tenha sido denominado, desde o início, revolução, tratava-se de uma reação típica das elites políticas que se sentiam ameaçadas pela posição assumida pelo governo federal e por São Paulo, alijando-as do poder. Uma versão da historiografia consagraria a revolução de 1930 como um movimento liderado por homens de classe média e por alguns chefes oligarcas, que nasceu da cisão da maioria dominante, em busca de representação e justiça.⁸⁷

“(...) havia muitos dissidentes da elite política estabelecida, ansiosos para usar um golpe em causa própria. Os líderes dos clãs de oposição dentro da política estadual, por exemplo, exultariam em obter o poder local por meio de um golpe militar no Rio de Janeiro. No plano nacional, os proprietários das máquinas políticas em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, líderes da Aliança Liberal, estavam irritados com a tentativa de Washington Luiz para impor outro paulista, Júlio Prestes, no palácio presidencial. Eles apoiavam a “revolução”, não porque quisessem modificações sociais e econômicas

⁸⁶ O Brasil unido. Op.cit.

⁸⁷ WEFFORT, Francisco Correia. **O populismo na política brasileira**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

básicas, mas como uma justificativa para o seu recurso à revolta armada contra os de dentro, que não haviam atendido aos seus interesses nas negociações para a escolha do candidato do governo em 1929”.⁸⁸

O Estado de Minas Gerais é tomado como um todo, adquirindo proporções irreais nas palavras do Coronel João Alberto e em diversos artigos publicados, chegando a ser formuladas frases como: “O que Minas fez pela nossa causa, ultrapassou todos os cálculos (...) Teríamos a revolução por muitos meses, se não para anos, se Minas não houvesse exercido, contra as tropas reacionárias, a violentíssima pressão, que a todos nós maravilhou”.⁸⁹

Inúmeras são as exaltações que “O Diário da Revolução” faz da atuação de Minas Gerais no movimento, a ponto de supervalorizar tudo aquilo que tenha a participação dos mineiros. No intuito de elevar as ações da causa revolucionária, o Diário acaba exagerando no partidarismo, tornando-se prepotente, sobrepondo a atuação mineira àquela dos outros Estados engajados na causa revolucionária.

“Às forças mineiras cabia simplesmente a tarefa de guardar seu território contra as invasões dos adversários que as cercavam de todos os lados (...) A ação de Minas foi muito além (...) cumpriu as suas obrigações, invadiu a Bahia, fez pressão sobre São Paulo e derrubou as oligarquias de Espírito Santo e Goiás e o governo do Estado do Rio”.⁹⁰

O jornal, muitas vezes, usa o termo liberdade associado aos ideais da Inconfidência Mineira, a fim de fortalecer os argumentos da causa revolucionária. Assim, nome de Tiradentes é usado com frequência nos artigos de “O Diário da Revolução”, com o intuito de fortalecer a imagem libertária do movimento, estabelecendo um elo de ligação entre os dois processos históricos. Se a liberdade, como valor absoluto, estava enraizada “nesse solo sagrado”, sua defesa era imperativo irrecusável do cidadão.

⁸⁸ SKIDMORE, Tomas. Op.cit.

⁸⁹Palavras do coronel João Alberto. 4 de novembro, nº25, p.4.

⁹⁰ Minas sempre farta. 3 de novembro, nº24, p.3.

“Tiradentes chorou lágrimas de fogo pela liberdade, E a liberdade que ele sonhara, nós a alcançamos depois.”⁹¹ “Nesse solo sagrado da liberdade, berço dos inconfidentes, nenhum cidadão e nenhum soldado poderá recusar a sua valiosa cooperação para salvação da pátria brasileira!”⁹²

O ideal de liberdade proposto pelos revolucionários não chegou a ser claramente definido, até porque, em sua generalidade, o conceito tornava-se elástico, permitindo que a defesa de interesses políticos, econômicos e sociais restritos fossem identificados como interesses universais, como valores que precisavam ser resgatados e defendidos até com armas nas mãos. Por vezes a imagem da liberdade surge como aquela que deveria ser resgatada para beneficiar os brasileiros, livrando-os de um governo corrupto. Mas a liberdade também é usada pelos redatores como pretexto para se conquistar o poder pelo uso das armas.⁹³

“A reação armada para salvar o país era inevitável. A violência tínhamos que opor com violência. (...) Minas para salvar e libertar a nação de um regime despótico e de uma tirania estreita e sombria pegaria em armas, disposta a todos os sacrifícios.”⁹⁴

Lado a lado com a pregação da necessidade de conquistar a liberdade, aparece também o patriotismo e o entusiasmo do povo mineiro.

“Dispostos a salvar a república da ignorância em que se lançaram os fraudulentos do regime, o glorioso estado de Minas também vibra no mesmo entusiasmo ardente pela causa nacional e em breve estará reconquistada a sua liberdade porque está por dias a expulsão das forças reacionárias”.

O entusiasmo é freqüentemente mencionado nesse veículo de comunicação. No entanto, as entrevistas realizadas por Luise Bundy destacaram que esse sentimento não era constante entre o público local, durante a revolução.

⁹¹ Brasil. 29 de outubro, nº20, p.4.

⁹² Quartel revolucionário. 10 de outubro, nº2, p.3.

⁹³ BUNDY, Luise. Op.cit.

⁹⁴ Uma velhice coroada de glórias. Op.cit.

Da mesma forma que constrói a noção de revolução feita pelo povo, os redatores do jornal apresentam a vitória do movimento revolucionário como uma realização do povo contra o déspota Washington Luiz. “Era a vitória das aspirações, dos desejos, dos anseios de todo um povo em luta infrene contra a prepotência de chefes de Estado, contra oligarquias, contra os desmandos do governo central (...)”.⁹⁵

A vitória do movimento revolucionário é amplamente festejada pelo jornal “O Diário da Revolução” pois, segundo a chamada da primeira página do dia 25 de outubro de 1930, com esse acontecimento, “o povo soberano do Brasil reconquista o governo da república que os déspotas usurparam”.⁹⁶

“A frente que derruba Washington Luiz compõe-se com a classe dominante de uma região cada vez menos vinculada aos interesses cafeeiros (Minas Gerais) e de áreas dele inteiramente desvinculadas (Rio Grande do Sul, Paraíba), contando com a adesão de uma parcela ponderável do aparelho militar do Estado”.⁹⁷

A vitória do movimento leva a uma série de manifestações de apoio ao novo governo nas maiores capitais do país. Estas manifestações populares, passada a necessidade de mobilização para a guerra, incomodavam os dirigentes do movimento revolucionário. Era necessário controlá-las, impedindo que viessem a colocar em risco a nova ordem instituída. Manifestações populares, como aquelas realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo, a partir da tomada do Catete, quando foram registrados saques e invasões a estabelecimentos públicos e particulares, eram uma ameaça que precisava ser contida.

A multidão paulista, ao rebentar o movimento revolucionário, dirigiu-se para o prédio Martinelli e invadindo a sede do P.R.P. tirou dela todos os móveis, jogando-os à rua, espedaçados. (...) No Rio, como em São Paulo, a polícia

⁹⁵ Raiou par a nação oprimida o claro dia de sua liberdade. 25 de outubro, nº17, p.2.

⁹⁶ 25 de outubro, nº17, p.1

⁹⁷ FAUSTO, Boris, op.cit., p. 102

*pede calma e serenidade à multidão. Não se pode sair do Rio sem salvo-conduto visado pela polícia”.*⁹⁸

Com a vitória do movimento no Rio de Janeiro, o Diário inicia uma série de artigos que relembram e enaltecem os acontecimentos principais do movimento revolucionário. Apesar de apresentar uma certa alegria gerada pelos acontecimentos, os redatores do jornal pedem atenção aos revolucionários, pois o momento ainda era de instabilidade.

*“Alerta camaradas! Não nos descuidemos do posto em que nos achamos (...) Estejamos fieis aos princípios e as resoluções tomadas e quem veio até aqui denodadamente, com bravura e glória, irá até ali mais adiante, colocar o marco final e definitivo da brilhante jornada cívica”.*⁹⁹ *“As forças de Minas conservarão com um contingente de 26 mil homens até que cesse definitivamente a revolução com a investidura do dr. Getúlio Vargas na chefia da nação”.*¹⁰⁰

Com os militares a seu favor, o presidente Washington Luiz teria imposto seu novo presidente ao país, contra severos protestos da oposição. Mas à medida que os rebeldes marchavam para o Rio de Janeiro, vindos do sul, norte e oeste, Washington Luiz ia se enfraquecendo, a ponto de perder o comando militar do governo. Três semanas depois do início da revolta, os generais do Rio de Janeiro resolvem assumir o comando da situação.¹⁰¹ O Diário então publica uma mensagem ao povo brasileiro, emitida pela junta governativa que assume o comando no Rio de Janeiro.

*“A junta garantirá toda a ordem e segurança nacional a distribuição da justiça, respeito aos tratados, a unidade nacional e procederá para alcançar seu objetivo com a máxima energia. Ela aguarda unicamente a chegada ao Rio de Janeiro do Snr. Getúlio Vargas para que se inicie a normalização definitiva do governo do país”.*¹⁰²

⁹⁸Última Hora. 25 de outubro, nº17, p.5.

⁹⁹ Conservemos a postos. 27 de outubro, nº18, p.2.

¹⁰⁰ Pequenos ecos. 1 de novembro, nº 23, p.4.

¹⁰¹ SKIDMORE, Tomas. Op. Cit., p.24.

¹⁰²Mensagem ao povo brasileiro. 28 de outubro, nº19, p.4.

Quando no Rio de Janeiro “a Junta Governativa Federal: Dr. Afonso Penna Jr., General Tasso Fragoso e General Mena Barreto assume o comando das forças do Palácio do Catete”,¹⁰³ Getúlio Vargas ainda estava a caminho da capital carioca. Vargas aceita desconfiado o apoio da Junta Revolucionária do Rio de Janeiro, uma vez que esta não inspira confiança, pois só adere ao movimento, quando a revolução já fora deflagrada.

*“Membros da Junta Revolucionária do Rio de Janeiro serão aceitos em caráter de nossos colaboradores embaixadores, porém, não como dirigentes, uma vez que seus elementos só participaram da revolução, quando esta já estava virtualmente vitoriosa; nessas condições entrarei com as forças do sul no Estado de S. Paulo que será ocupado por tropas de confiança”.*¹⁰⁴

As preocupações do movimento revolucionário, deste momento em diante, passam a ser com a chegada de Getúlio Vargas ao poder e com as ações que darão rumo aos desejos “coletivos” ambicionados pela revolução.

*“Em novembro de 1930, o líder civil de um movimento armado de oposição, Getúlio Vargas, tornou-se Presidente do Brasil em caráter provisório. Os militares graduados, dez dias antes haviam deposto o governo legal do Presidente Washington Luís (1926-30), com isso impedindo-o de dar posse ao candidato (Júlio Prestes), que, pelos resultados oficiais, havia derrotado Vargas na eleição presidencial de março. Pela primeira vez, desde a proclamação da República, em 1889, o candidato “do governo” não conseguia chegar à presidência”.*¹⁰⁵

A necessidade de formação de um governo provisório legítimo, que justificasse a causa revolucionária, leva ao estabelecimento de uma norma imediata de ação. O governo provisório “deveria ter por chefe o dr. Getúlio Vargas que a revolução considera Presidente eleito dos Estados Unidos do Brasil, não reconhecido”. Esse investimento se justifica por ser a “expressão da vontade popular, como também pela sua qualidade reconhecida por todos os elementos

¹⁰³ Serviço radiotelegráfico. 25 de outubro, nº17, p.6.

¹⁰⁴ Exemplo de convicção, energia e destemor. 27 de outubro, nº18, p.2.

¹⁰⁵ SKIDMORE, Tomas. Op.cit. p.21.

revolucionários” e porque “esse pensamento tinha ficado definitivamente estabelecido entre os chefes dos três Estados que promoveram o movimento”. Nesse sentido o jornal demonstra que “o governo chefiado pelo Dr. Getúlio Vargas dirigirá os Estados Unidos do Brasil sem compromissos previamente assumidos (...) obedecerá às normas constitucionais tanto quanto for possível” e sua duração “será de tempo indeterminado”.¹⁰⁶ Assim a revolução põe fim ‘a estrutura republicana criada na década de 1890 e propõe uma revisão básica do sistema político.

*“A mudança de liderança política, resultante da ascensão de Vargas à presidência, tornou-se conhecida como a Revolução de 30. Os acontecimentos posteriores confirmam a precisão da denominação, pelo menos na esfera política. Na década e meia de Vargas ter assumido o poder, praticamente todas as características do sistema político e da estrutura administrativa foram objeto de zelo reformista. Muitas dessas mudanças permaneceram ficções jurídicas, em bom número suficientemente consolidadas e 1945, a ponto de ter transformado irrevogavelmente o mundo do governo e da política, que havia produzido os promotores da Revolução de 1930”.*¹⁰⁷

Apesar da vitória conquistada no dia 24 de outubro de 1930, o Diário ainda permaneceu cumprindo suas funções revolucionárias até o dia 25 de novembro. Nesse sentido, além de ajudar a criar o ideal revolucionário na região do Triângulo Mineiro e narrar a vitória da revolução, o Diário ainda cumpre o papel de reforçador da causa revolucionária, uma vez que o movimento precisa se firmar para que o governo se estabelecesse neste momento.

A revolução representava a promessa de um futuro melhor. Ela indica o ponto de transição entre o novo que virá com o governo que se inicia, e o velho que será deixado para trás com o fim da república despótica. É em nome de um futuro com alternativas melhores que a revolução se realiza. Segundo o Diário, a

¹⁰⁶ Norma de ação dos Estados aliados. 3 de novembro, nº24, p.4.

¹⁰⁷ SKIDMORE, Tomas. Op.cit., p.25.

revolução traz em si os novos princípios que apontavam para “o despontar de outra era para um Brasil melhor modificado no dia de amanhã”.¹⁰⁸

O programa da revolução traz consigo um desejo da mudança, mesmo que esta não seja radical ou efetiva. Nesse sentido, se a missão da revolução é concretizar a tarefa civilizadora do país, também promoverá a regeneração do caráter nacional. O discurso da revolução traduzido em “O Diário da Revolução” retrata uma crença no futuro que virá com novas perspectivas para melhorar a vida dos cidadãos, assim que os revolucionários tomarem os seus lugares no governo do país.

*“A grande revolução, outra coisa não é que este câmbio radical. Os novos, os homens deste século querem e hão de vencer todos os cétricos do passado. (...) A revolução de hoje é o primeiro passo para as realizações maiores que o futuro promete”.*¹⁰⁹

Para afirmar a crença em um futuro melhor, os revolucionários precisavam vencer todos os cétricos do passado. Esses cétricos eram representados, pelo jornal, como integrantes da república que fora derrubada pela revolução.

A sociedade brasileira, que era dominada pelo confronto entre o público e o privado, precisava constituir um novo grupo nacional. Para isso, deveria ter como preliminar a constituição de um Estado forte, capaz de uma interlocução com a diversidade de poderes políticos e grupos sociais existentes. Políticos e intelectuais, durante os anos 30 e 40, diziam que os problemas do país só seriam superados pela criação de outros arranjos institucionais capazes de construir um verdadeiro espaço público no Brasil.¹¹⁰

Ao criar expectativas de que após a revolução a situação do país iria melhorar, já que as figuras que impediam o desenvolvimento da nação foram retiradas do poder, o jornal se apropria da figura do jovem na construção dessa imagem. É contando com o apoio dos jovens que se concretizaria e justificaria os

¹⁰⁸ O Brasil recebe. 3 de novembro, nº24, p.1.

¹⁰⁹ Hora dos fortes. 13 de outubro, nº5, p.2.

¹¹⁰ **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea / coordenador-geral da coleção Fernando ^a Novais; organizadora do volume Lília Moritz Schwarcz. Volume 4, p, 511 – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

atos da revolução. “Às armas todos nós mineiros jovens, que guardamos em nossos peitos a nobreza de melhores dias para o rincão querido onde nascemos”.¹¹¹ Os jovens são colocados como a representação imediata do futuro do país, por isso a revolução precisava da sua adesão.

A preocupação com o futuro do país passa a ser uma constante em “O Diário da Revolução”, após a tomada do Rio de Janeiro. As propostas para o desenvolvimento do país são desencadeadas no veículo de comunicação estudado, em temas pertinentes em várias edições.

Na primeira semana de novembro, o Diário publica um resumo das idéias centrais do programa do governo revolucionário. Entre as novas medidas destacadas pelo novo programa governamental para o Brasil estão as propostas que passam pelo saneamento moral; pela difusão do ensino; nomeação de uma missão de sindicância para apurar a responsabilidade do governo deposto no emprego dos dinheiros públicos, reforma do sistema eleitoral e reorganização do sistema judiciário, consolidação das normas administrativas, administração da economia, reorganização do Ministério da Agricultura com o incentivo a policultura, revisão do sistema tributário, instituição do Ministério do Trabalho, extinção progressiva do latifúndio e organização de um plano geral ferroviário e rodoviário.¹¹²

Era o Estado quem realizava os investimentos no setor ferroviário, contratava os empréstimos para a expansão da produção cafeeira nos países de economia hegemônica e incentivava (financiando-a, praticamente) a imigração da força de trabalho necessária, em decorrência das lavouras. Foi finalmente este Estado quem se encarregou da “socialização das perdas”, durante a crise de superprodução cafeeira na década de 20, passando a comprar o produto excedente com o auxílio de créditos adquiridos no exterior, dentro da sua política de “valorização”.¹¹³

¹¹¹Moços Mineiros. 16 de outubro, nº8, p.4.

¹¹² Resumo das idéias centrais do novo programa governamental do Brasil. 6 de novembro, nº27, p.1.

¹¹³ FURTADO, Celso: A formação Econômica do Brasil, Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961, p.218.

A proposta de remodelação das políticas públicas surge da análise das atitudes governamentais realizadas por políticos que até então ocuparam um lugar de destaque na administração nacional. “Raríssima a administração que não desfaz escrupulosamente tudo quanto a passada realizou ou iniciou”.¹¹⁴ Segundo o Diário, atitudes como essa trazem o atraso ao país, uma vez que emperram a economia e ameaça o futuro dos cidadãos. A crítica dos revolucionários a esse modelo político é reafirmada na composição de outro modelo que propõe uma reforma da república naquele momento.

*“Vamos criar de novo a República que os políticos destruíram (...) com um movimento revolucionário, a nação corrige o seu erro de haver abandonado a meia dúzia de políticos, sem os vigiar (...) a governação dos seus destinos. É uma nova era que se inicia. É um Brasil novo que surge”.*¹¹⁵

O modelo revolucionário formula a ideia de um governo que trará algo inédito em sua política, onde a crença no progresso e a esperança no futuro são apressadas pelos ares da revolução, trazendo ao centro do palco outros homens que ainda não haviam representado papéis de tão alta envergadura. Nesse sentido:

*“Um dos procedimentos para que, no Brasil, se pudesse construir um novo tipo de democracia era justamente a conversão da autoridade do presidente em “autoridade suprema do Estado” e em “órgão de coordenação, direção e iniciativa da vida política”. Um executivo forte e personalizado era instrumento estratégico para se produzir o encontro da lei com justiça; o encontro de uma “nova democracia”, não mais política, e sim social e nacional”.*¹¹⁶

Entre as preocupações com o futuro do país, surgidas do início do período de afirmação revolucionária, estava a educação. “Vale, pois, insistir com veemência, que será sobre o fulcro de uma bem disseminada alfabetização que o Brasil logrará tomar assento entre as mais sólidas democracias do universo e

¹¹⁴Para onde marchamos. 30 de outubro, nº21, p.1.

¹¹⁵Notas e informações. 30 de outubro, nº21, p.2.

¹¹⁶ História da vida privada. Op.cit., p.515.

entre os países mais prósperos dos três continentes”.¹¹⁷ Os redatores de “O Diário da Revolução” propõem “num futuro não muito remoto, unificar o ensino no Brasil, em todas as suas modalidades (...)”.¹¹⁸ Ele, ainda reclama por uma reforma na educação como um ponto básico para o desenvolvimento de um novo período que sucede o revolucionário, pois “é preciso que se realize uma mudança radical nos métodos, na estrutura íntima dos ensinamentos secundário e superior”.¹¹⁹

A educação, na República instaurada em 1889, tinha a função de mera reprodutora das relações de dominação e da ideologia dominante, e encontrava-se sob a tutela da Igreja. Com o fortalecimento das instituições políticas, decorrente do processo econômico e da atuação de um Estado que atendia aos interesses do mercado e dos cafeicultores, a situação da escola começa a ser modificada no Brasil. Implanta-se a gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário e o ensino religioso torna-se facultativo. Os menos privilegiados são ofertados por um ensino profissionalizante, com a implantação de escolas técnicas em menos de um ano após a promulgação da lei, na nova Constituição de 1937. São fundadas as primeiras universidades no Brasil, com a fusão de uma série de instituições isoladas no ensino superior, entre outras melhorias.¹²⁰

Podemos observar que ocorre uma “tomada de consciência” por parte da sociedade política que passa a ver o sistema educacional como uma forma de consolidação das mudanças estruturais ocorridas tanto na infra como na superestrutura do país, após a Revolução de 1930. A política educacional do Estado Novo visou transformar o sistema educacional em um instrumento de manipulação das classes subalternas. Procurando ir de encontro aos interesses e ‘as necessidades das empresas privadas, o Estado se propõe a assumir o treinamento da força de trabalho que elas necessitavam. Assim, a escola, através dos cursos técnicos, seria a única via de ascensão permitida ao operário e, ainda,

¹¹⁷ Consciência e educação. 3 de novembro, nº24, p.2.

¹¹⁸ Notas. 1 de novembro, nº28, p.4.

¹¹⁹ O ministro da educação e saúde pública. 20 de novembro, nº39, p.1.

¹²⁰ FREITAG, Bárbara. “Escola Estado e Sociedade” – 4ª ed. rev. – São Paulo: editora Moraes. 1980, p.49 a 53

o melhor meio encontrado pelo Estado para auxiliar o setor industrial na maior extração possível da mais-valia de trabalhadores bem treinados.¹²¹

A questão da imigração encontra-se a entre as projeções para o futuro do país, listadas em “O Diário da Revolução” que poderiam contribuir para o povoamento do interior do Brasil. A preocupação dos redatores com a povoação do país é apresentada em alguns artigos do jornal: “para que num futuro mais ou menos próximo o Brasil tenha efetivamente uma grande população nacional, impõe-se que se organize o serviço imigratório definitivo (...) de um plano geral e criterioso de povoamento adequado”.¹²²

A preocupação com a imigração, nesse jornal, deve-se ao fato dos revolucionários acreditarem que a política do governo anterior não havia dado a devida importância ao assunto. Entre outros motivos para o incentivo à imigração, estava a importação de mão de obra qualificada e o clareamento da raça como elemento de melhoria genética do povo brasileiro. Segundo o Diário, o cruzamento entre os povos estava formando uma sub-raça, por isso o governo pretendia promover a “reversão progressiva e constante para o tipo branco” (...) já que “a civilização criada pela raça branca sobrepuja, sem termo de comparação, às outras raças”.¹²³

“Os propósitos e aperfeiçoamento da raça e as intenções civilizadoras estão presentes, nos anos 30, no discurso e nas estratégias de diferentes segmentos do poder (...)”.¹²⁴ O governo pretendia promover uma ideologia política de reabilitação do papel e do lugar do trabalhador nacional, aliando a idolatria do ditador, a vontade expressa da política pós-30 que era a criação de um novo tipo de cidadão para a sociedade nacional.

O operário aparece no “O Diário” em manifestações grevistas ocorridas em São Paulo, onde estes reivindicam “a diminuição nas horas de serviço” e a revisão nos “cortes impostos nos salários dos operários pelos industriais”. Para acalmar os

¹²¹ Idem.

¹²² Para onde marchamos. 3 de novembro, nº24, p.4.

¹²³ O labor revolucionário. 24 de novembro, nº 42. p.1.

¹²⁴ DUTRA, Eliana. “A virtude do Esforço”. In: **O ardil Totalitário**; imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p.302.

operários o Governo Provisório de São Paulo manda afixar um comunicado em vários pontos da cidade, onde coloca em prática, algumas instruções provisórias até que se completasse as leis de regimento do trabalho: “Até o dia 30 do corrente mês, será organizada definitivamente, a Comissão de Legislação do Trabalho, em colaboração com as classes industrial e operária”. Na mesma edição, o presidente Getúlio Vargas se coloca solidário ao problema proletário anunciando que: “A legislação operária que todo o país civilizado possui, não tardará a ser dada ao Brasil”.

O governo revolucionário, apresentado no Diário, não deixou de mencionar suas preocupações com o trabalhador nacional que havia sido esquecido e mal preparado para concorrer com os imigrantes nesse país.

*“Impõe-se, acima de tudo, cuidar, do trabalhador nacional, mas com sinceridade e não com pregões espetaculosos e falsos (...) A predominância do elemento nacional sendo a condição vital da nacionalidade tem sido, entretanto, das circunstâncias mais descuidadas e relegadas no problema do povoamento”.*¹²⁵

As leis trabalhistas são consolidadas no governo Vargas com a pretensa finalidade de regenerar os costumes políticos e garantir os direitos do trabalhador nacional.¹²⁶ A partir do início das atividades do governo Vargas, o perfil do operário de que o Brasil precisa é o de um trabalhador obediente, patriota e católico. Nesse sentido, a ordem e a disciplina passam a fazer parte do enquadramento do operário que o país precisava formar.¹²⁷

A fim de sanear a política econômica nacional, os redatores vinculados ao processo revolucionário, usam o Diário para pedir auxílio ao povo brasileiro no resgate da dívida externa.

“No anseio à completa salvação da pátria, o povo brasileiro, depois de encarregar os verdadeiros representantes para efetuarem as reformas radicais, na administração e na política do país, está agora concorrendo

¹²⁵ Para onde marchamos. Op.cit.

¹²⁶ Lei de Nacionalização do trabalho.Revista Social-Trabalhista, Belo Horizonte, v. In.V,p.3-5,1937.

¹²⁷ DUTRA, Eliana. Op.cit.

*pecuniariamente para serem saldadas, o quanto antes, as nossas dívidas no estrangeiro. Uberlândia não se fará esperar com mais esse gesto de brio e de nobreza e os seus filhos saberão também cumprir esse dever”.*¹²⁸

Propõe-se a união de esforços dos “honestos patriotas” para que o governo possa promover o “resgate da dívida externa do país”. Com esse ato, convoca-se os brasileiros a saldar a dívida do país como um gesto de patriotismo, civismo e amor à pátria. “Deixamos aqui o nosso alvitre, certos de ser empreendida logo a obra grandiosa do mais sadio patriotismo”.¹²⁹ A independência do Brasil dependia, segundo o jornal, da participação de um povo “culto e generoso”, sob esse aspecto, os revolucionários propõem que o povo pague a dívida contraída por governos anteriores como uma obrigação cívica.¹³⁰

Para salvar a política nacional do caos, o governo revolucionário ainda publica um decreto assinado por Vargas, onde emite apólices da dívida pública que contribuiriam para amenizar os problemas econômicos do país.¹³¹ Outro decreto é publicado cobrando a dívida ativa dos cidadãos com a união, onde é proposto “uma amigável dispensa da multa”.¹³²

Os artigos que ora estudamos deixam uma parte do processo político de fora do conjunto dos acontecimentos de 1930. Foi a memória da elite vencedora que esteve presente nas páginas desse veículo de comunicação, e não a memória da totalidade dos agentes sociais envolvidos no movimento. Nesse sentido, o Diário difunde uma visão da luta da elite mineira ligada a Antônio Carlos, aperfeiçoa seus instrumentos de controle político, numa construção elaborada de tal forma que alguns agentes históricos sejam excluídos do processo histórico revolucionário de 1930.¹³³

¹²⁸ O resgate da dívida externa. 7 de novembro, nº28, p.3.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Juremos por esse resgate. 11 de novembro, nº31, p.2.

¹³¹ Não ser emitidas obrigações ao portador. 24 de novembro, nº42, p.2.

¹³² A cobrança da dívida ativa da união. 25 de novembro, nº43, p.1.

¹³³ DE DECA, Edigar, VESSENTINI, Carlos Alberto. Op.cit.

Considerações finais

A fim de refletir sobre os acontecimentos ocorridos no Triângulo Mineiro em 1930, não nos preocupamos em encaixa-los em nenhuma das diversas teorias do que vem a ser uma revolução. Nossa proposta esteve ligada a uma leitura da Revolução de 1930, observada criticamente, partir da ótica de “O Diário da Revolução”.

“O Diário da Revolução” foi utilizado como um instrumento de composição da imagem da Revolução de 1930 em Uberlândia, fazendo parte das estratégias do Comando Geral Revolucionário do Triângulo Mineiro para evitar o encontro das tropas goianas e paulistas em seu território. O Diário sintetizava as aspirações do movimento revolucionário, por isso tornou-se parte integrante do movimento que, até a sua criação, não existia concretamente em Uberlândia. Seu partidarismo compôs um cenário favorável aos revolucionários e forjou o papel de afirmação e legalidade das atividades da revolução.

Ao longo de nossas considerações, procuramos observar como “O Diário da Revolução” construiu o ideal revolucionário, narrou a revolução e projetou as propostas dos revolucionários no Governo de Getúlio Vargas. A fim de envolver o público local, o jornal foi composto por notícias radiotelegráficas, artigos dos redatores e de colaboradores, além de publicações de notícias de outros jornais, discursos políticos, hinos, editais e notas.

As notícias radiotelegráficas captadas pela Estação de Rádio de Uberlândia e publicadas no jornal, atendiam à necessidade de informar o público local com notícias do movimento, geralmente de âmbito nacional. Elas apresentavam a marcha contra Washington Luiz e seu governo, compondo estrategicamente o ideal necessário para a concretização do movimento, então deflagrado em outros Estados do Brasil. Já os artigos escritos pelos intelectuais, formaram um conjunto de notícias que pretendiam doutrinar os leitores em favor da causa revolucionária.

Os colaboradores que escreveram nesse jornal provavelmente pertenciam ao mesmo grupo dos intelectuais envolvidos na redação desse Diário, ou ainda,

da elite ligada aos coronéis. Essa colocação se deve ao fato de não termos observamos nenhum artigo escrito por pessoas diretamente ligadas ao povo.

Como já dissemos, a tese de doutorado de Luise Bundy foi fundamental na construção de nossas análises sobre a posição tomada por esse veículo de comunicação, a respeito da Revolução de 1930. Com esse apoio, observamos algumas características peculiares de Uberlândia e região que contribuíram para nossa compreensão sobre a abordagem política, econômica, latifundiária e ideológica que se relacionam com o comportamento revolucionário no Triângulo Mineiro, em 1930.

Ao ser comparado com outros documentos, “O Diário da Revolução” mostrou-se como o principal propagador e idealizador do movimento revolucionário de 1930 em âmbito regional. O Diário proporcionou dimensões exageradas da movimentação revolucionária, favorecendo os ideais dos revolucionários e nem sempre correspondendo à realidade dos acontecimentos de fato ocorridos no período em estudo.

Ao publicar notícias da movimentação vitoriosa das tropas revoltosas de outros Estados, artigos publicados em jornais de outras capitais do país e utilizar a imagem do povo como um componente do processo revolucionário, “O Diário da Revolução” procurou demonstrar que a revolução estava presente em Uberlândia. Entretanto, cabe ressaltar que a versão da memória histórica construída pelo jornal, onde o povo compõe o processo revolucionário, não se mostra coerente, pois a doutrinação dos proletários não era visível, não houve antagonismos entre proprietários rurais e o setor industrial na região, a ideologia dos intelectuais esteve ligada aos interesses dos coronéis e a ordens diretas de Belo Horizonte e as classes médias não se manifestaram nesta cidade.

Ao analisar a conjuntura nacional brasileira dos anos trinta, Boris Fausto escreve consistentes colocações sobre a Revolução de 30, onde destaca que crise da hegemonia cafeeira possibilitou a aglutinação das oligarquias não vinculadas ao café, de diferentes áreas militares, contando com o apoio das classes médias e a presença difusa das massas populares. Do ponto de vista das classes dominantes esse rompimento ganhou contornos regionais fazendo com

que as divisões entre a burguesia agrária e industrial não se consolidasse e explicasse o episódio revolução.

Assim, observamos que as colocações de Boris Fausto são válidas na medida em que se aprecia a revolução de 30 em âmbito nacional, não podendo ser aplicada a mesma referência à atividade revolucionária ocorrida em Uberlândia em 1930. As forças ideológicas dos tenentes e das classes médias que se manifestaram no Brasil em 30, não se fizeram presentes em Uberlândia, mesmo que apareçam em alguns artigos de “O Diário da Revolução”. Da mesma forma que a atuação dos tenentes e exército foi incipiente nessa região, também notamos apenas um pequeno contingente da polícia participando na atividade armada na Ponte Affonso Penna.

“O Diário da Revolução” ainda compõe a revolução de 1930, se valendo de falsas imagens da participação popular, onde o povo é inserido no processo como aquele que faz a revolução. No entanto, essa inserção não é coerente, uma vez que o povo só aparece nas atividades revolucionárias em meio a desfiles, passeatas e comemorações cívicas.

O Diário ainda utilizou outras imagens falsas na concretização da ideologia revolucionária, desconstruindo a República Velha através da demonização de Washington Luiz, forjando a concretização da revolução e reafirmando o governo golpista com legítimo.

A ação revolucionária ocorrida na ponte Affonso Penna tem um desfecho pacífico e festivo, uma vez que os revolucionários marcham sobre Goiás sem se preocupar com os inimigos, pois estes já haviam abandonado seus postos, após a notícia do término da Revolução no Rio de Janeiro. Dessa forma o poder político dos Caiados em Santa Rita (GO) passa a ser ocupado pelos mineiros, sem maiores oposições.

Assim, o término da revolução é coroado (agora pelo povo) por muitas festas, bailes, desfiles cívicos e discursos nos locais por onde passam os batalhões do Setor Triângulo Mineiro. Após a conquista do Rio de Janeiro e da marcha sobre Goiás, as publicações tendem a reproduzir artigos publicados em jornais de outros Estados. A permanência das atividades de “O Diário da

Revolução” se faz necessária a fim de auxiliar a composição de legalidade do movimento, bem como reafirmar a revolução, tendo por finalidade evitar rejeições aos governantes que chegavam ao poder.

No sentido de ruptura econômica, social e ideológica da sociedade brasileira, não podemos aplicar o termo revolução, pois permanecem no poder as mesmas forças políticas ligadas a então dominante estrutura fundiária. Nesse sentido o processo revolucionário de 1930 não passou de uma política de união ao governo mineiro onde os coronéis fortaleceram seu círculo de poder, e suas desavenças internas foram superadas em prol de um favorecimento político local e estadual. Minas Gerais aparecerá no cenário político com a imagem de um Estado forte que está entre os vencedores, inclusive superando São Paulo. Nesse sentido, a revolução de 1930 se manifesta em Uberlândia através de discursos e louvores a pátria, tendo seu término coroado por manifestações cívicas que assinalam o início da “era getuliana”.¹³⁴

Em linhas gerais, “O Diário da Revolução” esteve no meio do enredo político-revolucionário, como um texto-propaganda da revolução que contribuiu de forma significativa para a construção e reelaboração da memória política de 1930 em Uberlândia.

¹³⁴ BUNDY, Luise. Op.cit.

FONTES CONSULTADAS

O DIÁRIO DA REVOLUÇÃO. Uberlândia, MG: PAVAN, 1930, 9 de outubro a 25 de novembro. Diário, 43 exemplares.

NASCIMENTO, Adolfo José. **Revolução de 1930**. Tupaciguara, MG. Entrevista concedida a Karyna Barbosa Novais, a 10 de outubro de 2001.

FARIA, Eurípedes. **Revolução de 1930**. Tupaciguara, MG. Entrevista concedida a Karyna Barbosa Novais, a 18 de outubro de 2001.

SILVA, Odília Cardoso. **Revolução de 1930**. Tupaciguara, MG. Entrevista concedida a Karyna Barbosa Novais, a 12 de outubro de 2001.

MARQUES, Vicente de Paula. **Revolução de 1930**. Tupaciguara, MG. Entrevista concedida a Karyna Barbosa Novais, a 10 de outubro de 2001.

Referência Bibliográfica

BUNDY, Luise. **O movimento político de 1930 em Uberlândia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1985. (Tese, Doutorado).

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930. História e Historiografia**. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1970.

TRONCA, Ítalo. **Revolução de 1930 - A Dominação Oculta**. 5ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1982.

VESENTINI, Carlos Alberto e DE DECCA, Edgar Salvadori. "A revolução do vencedor". In: **Ciência e Cultura**, 29(1), jan. 1977, p. 25-32.

WEFFORT, Francisco Correia. **O populismo na política brasileira**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 39ª ed., Editora Brasiliense, 1996.

LE GOFF, Jacques "A História Nova: Prefácio a Nova Edição". In: Jacques Le Goff (org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 28 – 29.

Lei de Nacionalização do trabalho. In: **Revista Social-Trabalhista**. Belo Horizonte, v.1n.V, p.3-5,1937.

DUTRA, Eliana. "A virtude do Esforço". In: **O ardil Totalitário**; imaginário político no Brasil os anos 30. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p.302.

FREITAG, Bárbara. **Escola Estado e Sociedade** – 4ª ed. rev. – São Paulo: Editora Moraes. 1980, pp.49 a 53.

FURTADO, Celso: **A formação Econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1961.

NOVAIS, F.A.; SCHWARCZ, L.M. (org.) **HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL**: contrastes da intimidade contemporânea. Volume 4 – São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.511.

SKIDMORE, Tomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)** Apresentação de Francisco de Assis Barbosa, 5ª edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SILVEIRA, Cel. Hely Araújo da,. **Memórias do 4º Batalhão da PMMG** - Uberaba, MG: Arquivo público de Uberaba, p.87.

REVISTA DYSTAK'S. **Emílio o canhão dos Crosara** – novembro – ano 1996. p.68.

CANCELLI, Elizabeth. “O Contrapiso da violência”. In: **O mundo da violência; a polícia na era Vargas**. Brasília: UNB, 2ª ed.. 1994, pp. 17-45.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Nacionalismos e reforma nos anos 50”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: AMPUH/Humanitas, 18 (35), 1998, pp. 329-360.

LEVINE, Roberto M. **O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos**. Tradução de Raul de Sá Barbosa – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes do Brasil central, História da Criação do Município de Uberlândia**. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970, volumes 1 e 2.

SHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica*. São Paulo: Nova geração, 1999.

SIQUEIRA, J. M. **Relatório das Operações Militares no Setor Ponte Affonso Penna, ao Senador Camilo Chaves**. Araguari, 02/02/1931: Coleção Milton Porto, CEDHIS, 9p.